

AUTORES & LIVROS

18/1/1942

Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II

Núm. 2

Notícia sobre MARIO DE ALENCAR

Mário de Alencar nasceu no Rio de Janeiro, a 30 de janeiro de 1872. Era filho do grande romancista José de Alencar, e herdara as excelentes qualidades de sensibilidade e de espírito. Fez os seus primeiros estudos no Colégio Pedro II, obtendo o título de bacharel em ciências e letras, e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo.

Desde a adolescência distinguia-se pelas tendências que revelou para os assuntos de poesia e literatura, a que se acentuou na sua primeira fase de educação; aquela que teve no "Jornal Mercantil". Era ainda estudante quando publicou a sua primeira coleção de poesias, "Luzernas".

Financieiramente limitado e arredio, Mário de Alencar nunca quis entrar no primeiro plano, na vida pública. Limitou suas atividades à vida do pensamento, à sua criação literária, e também à atividade burocrática, a que se devotou. Como funcionário público, chegou a director da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Como homem de letras, atingiu o cimo da sua carreira, fazendo-se eleger, na vigia de José do Patrocínio, para uma das cadeiras da Academia Brasileira.

A obra que Mário de Alencar legou não é vasta, limitando-se a duas ou três coleções de versos e a meia dúzia de volumes de prosa. Mas, nesses poucos livros, encontramos um escritor gracioso, fino e polido, um artista perfeito, perfeitamente senhor de sua arte, um claro poeta, um sugestivo evocador de figuras e de almas.

Mário de Alencar faleceu a 3 de dezembro de 1925, sendo recebido na Academia por Olegário Mariano.

Palavras aos leitores

De leitores de toda a parte do Brasil e das categorias sociais mais diferentes, tem a direção de AUTORES E LIVROS recebido cartas e telegramas, contendo as expressões mais animadoras ao trabalho que, com esta publicação, vimos realizando. Na impossibilidade de responder a todas essas demonstrações, declaramos aqui o nosso sincero agradecimento por essas generosas expressões de estímulo e compreensão.

Aos inúmeros leitores que nos têm escrito solicitando coleções dos números de AUTORES E LIVROS do ano passado, não poderemos atender, por se acharem completamente esgotados muitos dos números do nosso suplemento. Os números que ainda existem se encontram na administração de A MANHÃ, à rua Evaristo da Veiga n. 18.

APRECIACÃO SOBRE "AUTORES E LIVROS" - J. C. Macedo Soares

Sabemos que todos os trabalhos espirituais são grandes jornais do Brasil merecedores dos mais altos louvores.

literário. Em prosa e em verso, quer no campo da poesia e Livros" vemos a ciência como no campo produzidos os trechos das letras neles encontramos, com frequência, prosas nossos velhos poetas e fundas e preciosas colaborações de singular importância: a opinião existente sobre eles, não só da crítica mônio cultural.

E' justo, todavia, que se diga: estes suplementos literários, até hoje, evidentemente subestimados, não tiveram uma orientação segura e consequente. Não obedeciam a nenhum critério pre-determinado. Suas páginas eram feitas ao sabor do acaso. Não possuíam, senão uma direção res-ponsável. Assim, o joio se misturava com o trigo, sendo árdua e difícil a tarefa de distingui-los e separá-los.

Múcio Leão, valiosamente apoiado por Casimiro Ricardo, o p e r o u uma verdadeira revolução nesse terreno, criando o suplemento literário de A MANHÃ. Intitulado-o de "Autores e Livros", mia Brasileira para o ano trancando, de antemão, a trajetória que já começou a executar e à qual permanece fiel

Nos poucos números já publicados (até agora 19), seu diretor teve em mira, não só apresentar um aspecto vivo da atual atividade literária do país, mas também realizar uma obra valiosa de reminiscência histórica, invocando os nossos homens do passado, cujo

Bibliografia de Mario de Alencar

Mário de Alencar deixou as seguintes obras.

- 1.ª — Poesia: — Lúgrimas, 1888; — Versos, 1902, 2.ª edição, 1909.
- 2.ª — Prosa: — Alguns escritos, 1910; — Se eu fosse político, 1913; — Dicionário de Rimas, 1906; — O que tinha de ser. (novela) 1912; — Contos e Impressões, 1920.



MARIO DE ALENCAR

SUMÁRIO

PÁGINA 17:	PÁGINA 2:
— Notícia sobre Mário de Alencar.	— Um artista sensível e puro, de C. da Veiga Lima.
— Bibliografia de Mário de Alencar.	— Mário de Alencar, de Eugênio de Castro.
PÁGINA 18:	PÁGINA 25:
— Raimundo Corrêa e Guimarães Passos, de Mário de Alencar.	— Mário de Alencar, de João José de Almeida (Jackson de Figueiredo).
PÁGINA 19:	— Flor do campo (novela inédita, em versos), de Mário de Alencar.
— Alguns quadros do passado que recordam uma existência inteira, de Carlos Magalhães de Azeredo (da Academia Brasileira).	PÁGINA 26:
— Mário de Alencar, de Tristão da Cunha.	— Mário de Alencar, novelista.
— O coração, bates tão forte!, versos inéditos de Mário de Alencar.	— Dois capítulos de O que tinha de ser.
PÁGINA 20:	— Um turbão na Academia, de Goulart de Andrade.
— José de Alencar, de Mário de Alencar.	PÁGINA 27:
PÁGINA 21:	— Os Sinos, de Edgar Poe (tradução de Mário de Alencar).
— Correspondência de escritores — Carta de Mário de Alencar a Alberto de Faria.	PÁGINA 28:
— Carta de Graça Aranha a Mário de Alencar.	— Um inédito de Mário de Alencar — Mamãe.
PÁGINA 22:	— A figura de Mário de Alencar, de A. Austregesilo (da Academia Brasileira).
— A poesia de Mário de Alencar: — O Africano; Depois de ler a Ode I, de Horácio; Páez; Na valsa; Mãe; Marinha; Ponto final; Soneto; Poesia.	PÁGINA 29:
PÁGINA 23:	— Um coração, flor de ternura, de Plínio Barreto.
— Alma pura, de Tristão de Almeida (da Academia Brasileira).	— A poesia rara de Mário de Alencar, de Olavo Bilac.
— Correspondência de escritores — Carta de Mário de Alencar a Afonso Celso (fac-símile).	PÁGINA 30:
— Saudade de Mário de Alencar (do "Meu diário", confiado a Dias de Barros), de Jackson de Figueiredo.	— O Pesadelo, de João Alphonsus.
PÁGINA 24:	— Efemérides da Academia.
— A vida, conto de Graciliano Ramos (com ilustração de Osvaldo Goeldi).	— O Intermezzo, de H. Heine.
PÁGINA 31:	
— A vida, conto de Graciliano Ramos (com ilustração de Osvaldo Goeldi).	
PÁGINA 32:	
— Curso de estudos da Amazônia — Terceira aula: — ... Geologia da Amazônia — Gerson de Faria Alvim.	
— Os livros do Colégio de Pernambuco, de Serafim Leite.	

RAIMUNDO CORREIA E GUIMARÃES PASSOS - Mario de Alencar

Em 1921, ao serem transportados para o Brasil os restos mortais de Raimundo Corrêa e Guimarães Passos, que, tendo morrido em Paris, ali haviam sido enterrados, a Academia Brasileira dedicou aos dois poetas uma de suas sessões lúbricas — uma de suas chamadas sessões de saudades.

Nessa ocasião que Mario de Alencar pronunciou o discurso, que aqui reproduzimos.

Senhores, quando aqui se discutia sobre o que devia fazer a chegada dos restos de Raimundo Corrêa e Guimarães Passos, removidos pela Academia de sepulturas precárias em Paris para jazigos permanentes em cemitério desta cidade, eu, que tivera a iniciativa desse ato piedoso, opinei que a cerimônia, da sua realização conquistasse, com a assistência de todos nós, num só discurso que ali dissesse, com simplicidade própria do lugar, os nossos sentimentos de carinho e admiração.

Combati o que era propósito de muitos e já um costume em nosso Instituto, a ideia de aparelhá-los em câmara ardente uma de nossas salas, e eletrodomésticos, correlativamente, uma sessão solene com uma ordem do dia de saudades.

Furapeças entendido em parte do meu pensamento.

Pensava eu, e penso que não era a ocasião de cerimônias fúnebres. A morte fora muito uma vez, e a consolação que produz, não se prolonga nem se renova, e mal se exprime em palavras, senão e que repugna a palavra. A beira de uma covra recém-aberta, pode ser um gemido e um grito que se articulam: mas esses mesmos têm o seu compasso peculiar, o seu extremo de extensão e de extinção. Decorridos alguns anos sobre o passamento de Raimundo Corrêa e Guimarães Passos, nos lios recolhemos os ossos, mas não os recebemos mortos; vivos sim, incorporados embora, ou por isso mesmo integrados em nossa existência, permanentes em nosso espírito, acrescidos de uma vida superior ao espaço e ao tempo.

Não era, pois, um dia de luto e da chegada dessas relíquias. Salvadas pelo nosso carinho, restituídas à terra que elas amavam, a ocasião era de suave prazér; não cabiam insígnias mortuárias, não havia lugar para crepes e cirios, senão para a marta e o louro, que são o símbolo da poesia e da glória.

Eu, que os amei, sinto que não poderia reavivar a saudade sentida, nem saberia simular a voz com que vos disse aqui há nove anos as minhas lembranças de Raimundo Corrêa. Minha emoção e de ternura, de contentamento, de confiança na vida que para ele já não morria. Se o homem que ele era, se transfigurou, a volta do que ele foi, é mais do que um reaparecimento, uma continuação.

Podemos acaso recelar que se deforme; se altere ou se apague, hoje, que não a toca a contingência humana, essa imagem de bondade e que é a mesma, que temos ante os olhos? Pode acaso diminuir ou cessar a voz que sua nós nos está falando dele?

Enquanto existia, concretamente, ele era efêmero, e sujeito a mudar: a incerteza dos seus minutos comunicava às próprias palavras eternas que ele fixou, um tom de transitoriedade que é o de toda a vida, sensível em seu curso. Agora, porém, para o sentirmos presente, não precisamos senão da nossa lembrança; e esta lembrança é, constante, e se aviva e atua em nós, sempre que uma impressão da natureza ou dos homens, e uma reflexão do nosso destino aflora em pensamento: porque este surge nas palavras harmônicas, agora, sim, eternas, em

que ele cantou o seu sentimento, que é o de todos nós. Recordo-me, por exemplo, de Machado de Assis nos últimos dois anos da sua existência, dobrado sob a mágua da viuvez solitária, e quase esquecido da sua filosofia amarga; frequentemente, em nossos passeios, num hiato de conversa, ou como um comentário de observação anterior, ouvia-lho eu os versos de "Mal secreto"; e Machado de Assis também fixara em vozes grandes e profundas de poesia e sentimento humano; mas ele mesmo pensava nas palavras do poeta irmão à sua fala de melancolia. E não é verdade que ali começasse a caminhar a figura meditativa de Raimundo Corrêa?

Raimundo não podia morrer; nós o vivemos e há de vivê-lo os que viverem a nossa língua; e ele antes já em a pura personificação de um idealismo em fórmulas. Homem partilhado ou público, entre amigos ou estranhos, não era mister muita sensibilidade para lhe mentar a essência espiritual, que se evoluía no sorriso da sua palavra ou na melancolia da sua ação.

Juiz-poeta, não porque desse melancólico ritmo às suas sentenças: que outro há houve mais austero, mais discreto, mais judicioso, e entretanto, mais suave, mais conjugado ao julgamento, mais contente do bem que fazia a um homem e mais doído pelo bem que fazia aos homens punido um homem? Houve porventura muita alma seca e embolada que se tivesse rido daquela bondade feminina, aperçada sob a toga, daquela poesia que tremia cumprido o estatuto severo, daquela simpatia que mandava com brandura, que supria a lei, que confortava o mal remediado e que chorava o castigo necessário. Eu li ovi a confiança de suas alegrias e máguas de magistério. Era dos mais firmes excoutores do direito: mas não destruíra, nem filosofava, e só realizava o direito como uma obrigação social. Juiz, julgava em consciência, homem julgava de boa fé, com tolerância, com amor. Convivendo com ele, compreendi o que pode ser um verdadeiro cristão prático, de ouvido sempre aberto e credulidade para a escusa, e de olhar reatante para a maldade que lhe apontavam.

Austero e piedoso, mas sem tristeza, outros, que não eu, quase todos, atribuíam-lhe esse estado de sentimento, iludidos pelo seu aspeto ao primeiro encontro.

Eu nunca o vi triste; sério, sim, grave, concentrado às vezes, mas quase sempre alegre: não chocar-se, não de rios largos, porém, ingenuamente, espiritualmente alegre. Vede os títulos dos seus livros: *Primeiros sonhos*, *Sinfonias*, *Versos e Versões*, *Aleluia*; reparai dentro as suas poesias, em quantas vibram de prazer e gozo alto.

Deleitava-me a graça dos seus comentários e o gosto com que ele ouvia e repetia os lances cómicos, já idealizados.

Seu embargo de um nervosismo agudo, era espontaneamente jovial no trato dos amigos; e estou a lembrar-me de um brilho seu na fase mais aborrecida e custosa da sua vida. Tinham suprimido o seu lugar de secretário de Legação, e ele voltara a ser juiz em disponibilidade com a alinharia de duzentos mil reis. Morava em Niterói, e no pequeno páteo interno de sua casa achava jeito de cultivar quatro ou cinco plantas, entre as quais o sabugueiro, cuja história já vos é conhecida. Ali nasceu talvez semeado por ele um pé de favas gigantes. Raimundo sorria vendo-se embaihar e crescer e enfiar num primeiro de abril, corria duas das maiores, que se paradelavam emburruhou, com

disfarce, endoecando-as a Artur Azevedo, e Valentim Magalhães. Foi ele próprio deixá-las na Secretaria da Viação onde trabalhava Artur e no escritório de Valentim. Em cada envelope escreveu uma diferente quadra facetada, do trocado com as favas que mandava sem mandar o amigo as favas. E teve o seu dia contente, e narrava-me rindo a inocente puiha pregada aos dois amigos. Que temperamento macabro de misantropo, qual o julgavam, esglaria de um brinquedo desses?

Mas estareis a pensar nos seus versos, em *Misantropo*, *Mal secreto*, *Meditações* e outros versos de máguia concentrada, de entendimento do destino vão, de descrença e desesperança. Ninguém as disse mais intensamente.

E' que Raimundo era uma pessoa complexa, qual é a natureza, e por isso e como ela, contraditória para o nosso entendimento unilateral ou superficial. Tinha a inocência, a candura, o espanto risonho de um menino, e ao mesmo tempo a sabedoria, a ponderação e as apreensões de um velho pensador austero. Nos seus atos e palavras era essa dualidade que transparecia, maior ou menor, segundo passava de um ou outro desses polos do seu temperamento moral.

E tudo naturalmente, sem máscara, e sem cálculo; nenhuma hipocrisia, nenhuma reserva na sua expressão. Ninguém jamais celebrou, com menos embaraço e tanto maravilhamento a nudez feminina no belo do contorno e das atitudes. E dizia-a com o anseio divinatório de um adolescente e a sensibilidade imaginativa e quase opaca de um caso.

Contraditório poeta no sentimento e nas impressões porque interpretava o homem: porque vivia; e ele foi o primeiro a cantar a própria contradição do sentimento da vida:

Viver, eu sei que a alma vive.
E a vida e o dor ingrata,
Pranto que a não alivia.
O que a está a verter,
Seda e corado embora,
Sofra, mas viva, mas bela,
Fecho ao menos da alegria,
De viver, de viver!

Maior contradição porém é a da sua profunda sensibilidade com a impossibilidade da sua expressão: inconfundível com outros e de força característica tal que até as traduções, pelo cunho que lhes dava, as convertem em composição sua, quase sempre melhor do que o modelo: nenhum poeta na lírica brasileira falou menos de si mesmo, do seu próprio sentimento; mas nenhum outro disse mais nem tanto os estados da alma, o de coração de todos os que vivem.

Ele, o poeta, era o instrumento musical da palavra; a sua poesia era o diálogo, o eterno diálogo entre a alegria do viver e a meditação da vida; entre o encanto dos olhos e a melancolia da alma debruçada sobre o mundo. Uma coisa é o viver, outra o contemplar a vida.

E foi o que lhe permitiu ser o homem jovial e o filósofo triste; ter enlevo e amargura, ser como a natureza, que não chora, e em que o sofrimento e o veneno se convertem nas formas da beleza e nas essências do perfume, em que as lágrimas cantam, ou compõem seu destino ou utilidade aparente, maravilhosos de graça, como as vezes é uma simples pedra, um pequenino inseto, uma flor.

Raimundo Corrêa teve poesias, às vezes versos, que são, assim, verdadeiros milagres de feitura, que fixam a utilidade e o entendimento do que é belo sem outro fim que o ser belo. São como brincos de artista, pedacinhos de luz, sementes de poemas. Ficam para sempre em quem uma vez os ouviu. A sua



Mario de Alencar, em companhia de Magalhães de Azevedo, em 1907

arte realizou a perfeição suprema. Os seus versos, quase todos, atingiram, não importa com que esforço, a verdadeira espontaneidade, que é a do inevitável; e quase sempre a elaboração foi de elementos simples; as imagens e os verbos são como que emanados de próprios objetos versados, e os epítetos, se alguns são raros e de ornato, na maior parte são os que nos deviam nascer dos sentidos e das sensações.

São, p. c.

Não sanguínea e fresca a madrugada
Os estandartes de arrogantes pregas
Ao ruir de frentes lambros
Idade e a luz audaz e alma desejada
Bebe-la aos goles.

Feloz bambur, em bambolêzinhos lentos,
E na cipala e nas palmas dos enqueiros

Remesiam-se os ventos

... E tudo verde, verde... E tudo
Verde, sem ser monótono, que, então,
Para quebrar essa monotonia
Da cor, às vezes, um mirango ri,
Vermelho, entra a folhagem
Como em tábua verde de verde.
Um betão de rubim.

Era o beizouro,
A monca, e moribundo, a abelha, a

As metálicas asas a vibrar;
Entre fulvo e amarelo amarelado,
Extremando, cantando no ar...

Olhos negros, grandes olhos;
Que a alma, quando num vidro,
Lume faz.

E o fim de dos sobrelhos,
Como em branco aumentativo,
Maliciosa faz.

Outra e rubia talvez: no olhar, que
Há filhas infernais, e estranhos grossos
Nos seios, brezoais, fartos e demorados;
E há em seu corpo o vivo e a tenaz,
Do vegetal, das troças, das nutras,
Lanceoladas, rápidas e agudas...

Neptunos deuses, ante a flor mais bela
De Yonta, em seu profundo e saio
feito.

Estremecent de amor... Até aos pés
Ideia
O oração das águas satisfeita...

Fra muito longa a citação
de tais primores, que excedem
o numero de paginas do volume das Poesias.

Mas assim como fragmentos
de nebulosa não formam estrela,
senão quando compostos e
permeados pela mesma força
e levados pelo mesmo ritmo,
assim, essas jóias de arte e poesia,
não bastariam para definir
um grande poeta, se entre si
não formassem harmonia essencial;
e num grande poeta essa
harmonia é o sentido superior
da vida, do seu segredo íntimo,
que, se não pode ser traçado em
palavras, é como seiva invisível
mas sensível que lhe aviventa e
conforma a obra, e dela trans-

pira como aroma de seriedade,
de sinceridade, de força moral.

Raimundo Corrêa disse-nos
os aspectos risonhos ou som-
brios do mundo, interior e ex-
terior; e eram como os espelha-
mentos de um brilhante; dissemos
o desespero, a inanição de tudo;
e foram momentos de seu
celicismo: disse-nos a maldade,
a inveja, o ódio, e a dor inevitável;
era o que ele via, e o que todos vemos;
mas reclinou-se a obra em conjunto; e
na mesma pelo que é e pelo que
disse, é uma pessoa contar o
celicismo, contra a inanição,
contra o mal e contra a dor; e
é também contra o riso. O sentido
superior da vida, imprime-
lha a expressão, e ergue-a
para o alto; e aqui e ali, mais
precisa, abra-lha em símbolos,
como nas redondilhas de On-
das...

Dia de atroz desceitad
Cinco um muro de pedras
Seus flancos, Grasso a espumar,
Contra a dura penida
Bate, arrebenta, avolta,
Retumba, estrondosa o mar.

Aqui chorar, aqui, poeira
Clama e desmorona afita
A alma, de si mesma algoz,
Buscando, na inércia nua
Entre mil vagas, a vida
Que neste exílio a depõe.

No azul eterno sei tuas,
No azul cujo brilho a eflores,
Pazir incendia do sol
Desolado a coroa vil, onde
Se esconde, como se esconde
A lesma em seu caracol.

Contemplas o infinito... Um bando
De garfaliaz voando
Pulsos, desdancando
No azul, onde a água verde,
Frente ao mundo se perde,
Seu longo olhar se prolonga...

Contempla o mar, silencioso
Ora mudo, ora ruidoso
Vai e vem a onda morna
E entre as pontas de areia,
As vezes leva um espelho,
As vezes um barco frágil.

Contempla, de olhos magnados
Tudo... Muitos delírios
Ficou o seu segredo íntimo:
Vão-se na onda estrepitosa
Da morte; mas na da vida
Novos delírios veem.

O alma contemplativa
Ven 30, desceitad e afita,
Entre as ondas talvez
Ficou o seu segredo íntimo:
Da morte, em seu dia eterno,
Te leva ao largo, outra vez.

Quando esplendor! São aquelas
As reflexões do jar que anula,
Rompe os rigidos arcos,
Com que a carne te apalpa
Do infinito vital? E vós,
E vós áquelas redondilhas...

As outras redondilhas igual-
mente belas do Lado e estrela:
(Continua na página 25)

Abraham Lincoln

326 / JML

JOSE DE ALENCAR - MARIO DE ALENCAR

Entre os escritores brasileiros, José de Alencar é dos que mais se prestam a esta espécie de páginas escolhidas. A sua obra extensa, de vários gêneros e feição múltipla, se alguma dificuldade oferece para a escolha, é a da exclusão; via-se em deixar à parte qualquer dos seus livros, e ainda, nos volumes assinalados, os capítulos ou trechos em nada inferiores aos outros. Mas o número tem de ceder ao limite das páginas e à combinação que apresente em miniatura a fisionomia completa do escritor. E quem o seleciona conscientemente não fica insensível à responsabilidade do encargo; parece-lhe estar operando antecipadamente o ofício eliminador do tempo, o qual, — ao revés do que faz com as obras dos primitivos escritores exhumando-as, reunindo-as e avolumando-as, — em relação aos modernos, pela impossibilidade de conservá-las na sua multidão, enterra-as em esquecimento, mumifica-as, ou apenas lhes toma uma parte que as lembre ou lhes permita ocupar um ponto de referência na memória humana.

Que significa em verdade o pensamento de fazer páginas escolhidas dos escritores, não a certeza de que já o homem contemporâneo e o vindouro não terão vagar para a leitura deles? E no caso de se terem para algum ou alguns dos volumes por ventura não acertariam com o melhor, com o *livro* do autor.

Nas literaturas primitivas o trabalho mental participava da condição da natureza: era espontâneo, lento, oportuno, como a criação da planta, do cristal, dos animais. A transmissão mecânica do livro multiplicou-o e, facilitando-o na aparência, perturbou-lhe a revelação. Gradativamente mais afastado da natureza, artificialmente inspirado e estimulado, o escritor moderno sofre em si mesmo a multiplicidade da produção alheia, não tem a paciência da gestação demorada e temporária, e concebe e produz à mercê das circunstâncias e dos acidentes; e o seu *livro*, raro é que surja na forma completa, na unidade da sua essência, na plenitude da sua força, ainda prematuro, fragmentado, ensaiado e repartido em muitas obras, incompletas por isso mesmo, e imperfeitas cada uma de per si. E' um milagre, tão pouco depende já da própria vontade e clareza, de elevar um escritor as condições de criação pura e espontânea, que os grandes autores de outros tempos lograram.

Plaubert, que personificou a consciência e probidade mental do escritor, sentia e entendia a necessidade do único *livro*, mas não pôde sobrepôr as influências exteriores do momento e do meio, nem vencer os desvios ocasionais do seu próprio espírito; e resignou-se imponente a deixar o seu *livro* espalhado em alguns volumes, e ainda por bem dele em dois alguns volumes.

Que escritor moderno terá sido capaz e feliz de acertar com o seu *livro*, imune da sedução do público, das contingências das modas, do interesse da vaidade? O acaso, não a adversidade e a desgraça, é o ocasional desses momentos de plenitude, em que o infinito se deixa apreender e fixar. Só a prisão de Cervantes proporcionou a criação do *Don Quixote*, e ainda foi isso em tempo anterior à fase livreira e mecânica da humanidade.

E se é já inacessível a um autor o momento justo da criação, ao público torna-se impossível rastrear-na obra volumosa e dispersa de tantos e tantos, quase inumeráveis autores do seu mesmo país e do mun-

do. Daí provem a busca e a publicação das páginas escolhidas em todas as terras onde há leitores. E' um instinto e uma providência de salvação nos dilúvios das bibliotecas. Mas daí também a responsabilidade para o que se incumba da escolha, que não há de ser feita, a esmo nem ao critério só do gosto individual, mas em observância do que caracteriza o escritor em suas feições e pode desenhá-lhe o *livro*, o talento e a alma.

Em José de Alencar houve, reveladas na sua obra, duas pessoas distintas, que não se confundiram nem contrariaram, posto que contrárias uma à outra. Ele foi paralelamente um poeta de idealizações extremas, e um homem prático e positivo; o primeiro dominado pela imaginação, pelo sentimento e pela fantasia, o segundo pela razão, pela realidade e pela prudência; no primeiro prevalecia o talento, no segundo a inteligência; a obra de primeiro criou-se espontaneamente, sem propósito; a do segundo foi o produto da vontade; uma ou um traço comum: a índole, a alma brasileira.

Definem-se na sua vida duas fases: a do poeta de ficção, de 1855 a 1868, e a do político, de 1868 a 1877.

Com ser espontânea, não foi precoce a produção do escritor fantasista. Não tinha ele talvez a consciência da elaboração interior, nem o estímulo da vaidade, que o levasse a recorrer à imitação para surgir antes de tempo. A preferência de seu espírito era para as obras de ficção; nesse gênero fazia os seus primeiros ensaios; mas ele mesmo não teria previsto, ainda depois de formado, a obra que o sagraria escritor. De 1850 em que se diplomou até meados de 1854 em que iniciou a colaboração no *Correio Mercantil*, como folhetinista, foi exclusivamente advogado, e alguns artigos escritos para jornal versavam sobre assunto jurídico. O folhetinista teve êxito, e um ano depois, assumindo a direção do *Diário do Rio de Janeiro*, o mais antigo jornal do tempo, Alencar demonstrou possuir as qualidades primaciais do ofício: agudeza de pensamento, força dialética, agudeza de inteligência, rápida apreensão dos fatos, e sobretudo a palavra fácil e brilhante. Todas as circunstâncias influíram para que José de Alencar fizesse daí em diante somente jornalista, como outros escritores que tiveram ao grande renome, e com que ele já rivalizava. Nenhuma profissão mais adequada a satisfazer os estímulos de glória imediata, nenhuma, quando sinuosa, mais exclusivista de outros labores, nenhuma mais absorvente, mais viciadora do espírito para o método de trabalho e para o gozo da obra. Pois foi justamente nesse período de ilustre jornalista, em meio de uma atividade febril, excessiva, quando todos os assuntos, política, história, economia e administração, lhe ocupavam a pena em artigos múltiplos; quando era o momento da ambição política, foi ali que apontou o romancista. Pouco antes como um prenunciador, o crítico, ou melhor as impressões, o senso de poeta, despertados pela leitura de *Confederação dos Tambores*, poema de Gonçalves de Magalhães. As *Cartas de Ig*, eram a exposição da sua estética, o esboço do poema que ele teria feito sobre aquele assunto. Tinha-se polarizado a inspiração que o menino e o adolescente haviam sentido, inconscientemente, sem atinar-lhe a forma nem mesmo sofrer a necessidade de configurá-la. A geração operara-se oculta. Cinco

Minutos, *A Viúva*, romances feitos como distração e repouso da tarefa do jornal, e escritos dia a dia em folhetim, saíram dois minutos de graça, foram como os primeiros saltos de uma ave que ensaia o voo para fora do ninho. Na mesma despreocupação de folhetinista, também escrito dia a dia, e sem nome de autor, começou logo depois a ser publicado o *Guarani*.

Desde os primeiros folhetins fez esse romance uma impressão nova e forte, e em breve empolgante de todo o público na Corte e até onde chegava o jornal nas províncias. Havia ansiedade e entusiasmo pela sua leitura. Por que? Não era um romance de aventuras nem de análise de paixões; não reproduzia os costumes do tempo nem figuras da atualidade, nem na exposição se afastava do processo das narrativas comuns.

Sem dúvida pela sua estrutura era, o que não tinham sido os romances que se escreviam no Brasil, uma composição artística, de plano definido e proporcionado, com personagens, que, dentro da lógica da sua concepção, eram figuras humanas inteiras e vivas, não puras manequins ou só aspectos de pessoas.

Mas o público leitor daquele tempo conhecia por tradução ou no mesmo original grandes romances de autores estrangeiros, entre os quais os de Walter Scott, que haviam servido de modelo do gênero do autor do *Guarani*. Não viria pois daí, apesar de sua primazia em praticar com sucesso a técnica do romance, o entusiasmo produzido por essa obra de gênio feita no público brasileiro. Nem seria por ter um indígena como uma das figuras centrais: já Basílio da Gama, Durão, Gonçalves Dias e G. de Magalhães tinham introduzido o selvagem na poesia épica e lírica. O entrecho do *Guarani* era singelo; o tempo da ação remoto, o lugar dela distante. O que no *Guarani* o público achou, diferente dos outros romances da época e de forma, foi a inspiração fundamental, a sinceridade e a espontaneidade da expressão, a poesia decorrente de si mesma, instintiva, fragrante do aroma da nossa terra; era em suma a alma brasileira do livro, da qual ele vivia e tirava o próprio corpo, e a forma da linguagem que o vestia.

Ao passo que para o público

Alguns quadros do passado que recordam uma existência inteira

(Continuação da página anterior)

estima que o seu gosto finilme e a sua franqueza fraterna mereciam; acetas, as mais das vezes, ou de pronto, ou depois de demorada discussão; naturalmente, ele me deixava plena liberdade de recusar as que me não persuadissem. E sobre os seus escritos me consultava também ele, com aquela simplicidade que era um dos seus encantos pessoais, e um recado estranho, mórbido mesmo, de suas supostas deficiências literárias, que eu me empenhava, com razão, em combater abertamente.

Toda essa nobre, maravilhosa intimidade se desmoronava, assim, de choque. E eu ficava em talor desamparo, em radical desalento, como um orfão; nada podia arrancar-me daqueles dias foscos, à obsessão da fúnebre idéia fixa; nem a natureza, nem a arte, nem o estudo, nem interesse algum deste mundo...

O *Guarani* revelou o sentimento poético da terra brasileira, para José de Alencar foi a revelação dele próprio. Foi a sua primeira produção genial, e por isso mesmo inconcine. Continuou-a em parte *As Minas de Prata*, que se relaciona com o *Guarani* em um dos personagens, e num dos motivos do enredo; desenrolam-se e complicam-se aí as faculdades artísticas do romancista, no poder de dramatização e na multiplicidade e variedade das personagens. Mas o que era só espontâneo é agora refletido e preparado; a arte desce às vezes em artifício; o gosto de aventura prevalece sobre a unidade da fantasia, e atinge o fantástico. A ficção entretanto, com todos os seus excessos romanescos, vive; o talento de narrar e descrever domina o leitor e arrasta-o entre o impossível e o inverossímil, interessado pelas figuras centrais do livro, cada uma delas típica, evidente e palpável, na sua configuração. E ressaltam em vivacidade não somente os protagonistas do drama complexo; todos os personagens, até os meros episódios, tem relevo próprio. Não há no romance análise de caráter, mas cada caráter se define, se acentua dramaticamente ao choque dos sentimentos.

Nesse sentido *As Minas de Prata* constitui uma comédia humana em que se exibem as principais modalidades de caráter e temperamento: a ambição, a austeridade, a piedade, a abnegação, o amor místico, o amor ingenuo, o amor sensual, a religiosidade, a resignação, o fanatismo, o orgulho, a bravura, o cavalheirismo, a nobreza, a perversidade, a lealdade, a avareza, o patriotismo, a amizade; e todos manifestados individualmente na própria ação de cada figura. E' o romance mais representativo do engenho dramático de José de Alencar, o qual pouco antes já se demonstrara no teatro, desde a comédia leve e facetada de costumes, ao mais intenso drama em *Mãe*.

Tracema, que apareceu depois dos perfis de mulher *Diva* e *Luctola*, foi, como tinha sido o *Guarani*, para o público e para o autor, o imprevisto; e ainda ali foi posta em prova a força do gênio. Parecia acabada a fase do indianismo literário: acerca dos selvagens tudo que pudesse interessar, estava contado e cantado em Gonçalves Dias e outros poetas, e no *Guarani* e no fundo do quadro selvático em *Minas de Prata*, Alencar ocupava-se das cenas da atualidade, e começava, com a sua obra austera de político, a aplicação mais assídua à obra de jurista. Uma viagem à província natal fez o milagre. A terra cearense, os seus taboleiros sertanejos, as suas dunas e carnaubais e o seu mar bravo e verde, acordaram a infância do escritor; e a saudade se lhe expandiu em ritmo, não de verso culto e medido, mas de um boio de berço, intermitência de onda, palpite de coração. A saudade refluía confundindo a infância do escritor e a da terra natal; vestiu-se na forma de lenda selvagem, em que a palavra trazia a imaginação primitiva e concreta dos índios. E foi um poema, de saudade para o poeta, de perpetuação para o povo, da sua própria terra, que lhe ressurgia virgem, na sua floresta, na sua sineliza, nos seus horizontes marinhos, e no seu encanto. Os outros romances, ainda o selvagem *Ubirajara*, foram criações do talento de artista; mas já não reproduziam totalmente as faculdades essenciais do poeta, épico, dramático, ou idílico, que concebeu e realizou *Guarani*, *Minas*

de *Prata*, *Mãe*, e *Tracema*. Estes formam o seu *livro* de poeta de ficção; os outros são a obra múltipla, acessória, do escritor de talento, não como irradiações das facetas do seu engenho, brilhantes, mas desiguais e inferiores à sua potência genial.

O escritor de talento e de vontade que já demonstrara no jornalismo do *Diário do Rio*, voltou a sua principal atenção para a política. O panfletário revelou-se pujante em: *A corte do Leão*, *O Juízo de Deus*, *Os partidos*, *A festa macarrônica* e *Cartas de Erasmio*. No administrador, ministro desde 16 de julho de 1868 a 10 de janeiro de 1870, laborioso e esclarecido, vacilava-se em qual admirar mais, se o fulgor de espírito, se a força do caráter. Ouvia-lhe então o parlamento a palavra de defesa e de ataque; o orador, que não parecia feito para os grandes debates da tribuna, surgiu um dos maiores do seu tempo, dos mais denodados, temidos e respeitados, porque a sua eloquência inspirava-se da consciência e da sabedoria. Não chegou a vencer, mas não foi vencido. Morreu em meio da luta, aos 48 anos de idade, quando repartia o seu esforço entre a tribuna e o jornal, sozinho, já fora do partido que o não comportava.

Entretanto não esquecera as letras jurídicas, e as obras, que compunham, só foram publicadas três anos depois de sua morte. A fama do romancista não deixou que as lessem, e vissem o que ainda ali antecipara o seu engenho naturalmente criador. A sua morte eliminou para os inquietos de ambição um alvo de ataque ruidoso. Desaparecida a pessoa, cuja presença podia fazer sombra a outras, e cujas possibilidades de esforço irritariam os menos esforçados, era inútil hostilizar a memória do escritor. Ficava-lhe a obra para o julgamento dos séculos. Como todas as obras humanas, sobretudo as dos grandes, ela havia de sofrer o fluxo e o refluxo da opinião, que alterna entre o aplauso e a indiferença, entre o entusiasmo e o cansaço de louvar.

Outros escritores surgiam e impunham-se à admiração e ao apreço, e entre eles alguns grandes e geniais, a que a idade ajudou para completarem vagarosamente a sua obra. Apontaram os confrontos, afirmaram-se preferências, e à mercê do gosto ou dos estudos de cada geração, vai-se fazendo a hierarquia, efêmera de quem tem no entanto pela natureza e personalidade de seu engenho, o privilégio de não serem subordinados à hierarquia. A respeito de José de Alencar, os que têm todo tempo de ler-lhe a obra e possuem a perspicácia e a isenção de juízo, admiram-na em seus livros característicos: *Guarani*, *Tracema*, *Minas de Prata*, e *Mãe*, como uma das expressões maiores da poesia de ficção, na qual a imaginação e a fantasia, o sentimento e a força de ideal, puros, nativos, sem mescla de filosofias, que ele não tinha e não precisava de ter, como poeta que era, se conjugavam numa forma pessoal, que ele não imitou a outros, e que outros não puderam imitar-lhe. Esse é o cunho do criador genial; e este é o valor absoluto da sua obra de escritor. Da que produz o como político e como jurista, dirão os competentes, quando a tiverem lido e meditado, se não revela também a impressão do seu gênio.

Mas há na sua obra ainda um valor relativo e grande, se a compararmos com a dos seus antecessores e contemporâneos no Brasil. Avulta então a diferença entre o que havia e o que ele inovou, principalmente a

Correspondência de escritores

Carta de Mario de Alencar a Alberto de Faria

Carta de Graça Aranha a Mario de Alencar

Rio, 7 de fev. 1921.

Meu caro Alberto.

Recebi agora (8 1/2 da manhã) o seu postal de J. Já vinha para o meu gabinete com o pensamento de escrever-lhe em resposta à carta de 27 de janeiro. Deixara ontem de noite consignado o meu programa de escrita, cinco cartas, a V., e as que devo a Afonso, Otávio Augusto, M. de Azevedo e Plínio Barreto. Para escrevê-las já precisava levantar-me de madrugada, antes do sol, o que é difícil, quase impossível para quem vai deitar-se exausto e não concilia o sono senão às 2 da manhã. A esta hora a temperatura é mais que morna e com pouco será de saor. O resto do dia fica inutilizado: bate-me o sol no gabinete a dentro, e eu perambulando pela cama à busca de um recanto onde corra pirração. Levo um livro à mão: ponho-lhe os olhos ao momento, mas as páginas descaem. Procuro outro lugar de sombra, com o mesmo desprazer, e assim correm as horas. À noite, depois do jantar, poderia ler alguma coisa, mas a lâmpada elétrica esquenta-me a rosto, sinto o suor que me escorre da testa e pelo peito. Desabituação totalmente do verão, depois que o passei dois

anos em Teresópolis, a minha expectativa é de ócio inevitável e de depauperamento físico. Levanto-me cansado e moído, e no correr do dia, na cidade, aonde vou às terças, quintas e sábados, sinto o mal estar da exaltação, e às vezes o estado de fobia vaga. Entretanto, havia feito um risonho projeto de trabalho, composição e leituras, para este ano. Desempenhava-me das últimas tarefas involuntárias, o discurso relativo a Raimundo, um prefácio a pedido do Jackson para um livro de Garcia Rosa; e estava deliberando a recusar toda a incumbência, fosse amável ou importuna de amigos ou não. Em fim de março teria o trabalho da comissão julgadora do 1.º prêmio Alves, a qual me parecia agradável e proveitosa, por me dar ensejo a refazer o estudo da língua, na previsão de ser concorrente Said Ali com uma gramática histórica. Sorria-me a boa sorte, que me poupava a maçada de julgar nos outros prêmios; mas Paulo Barreto recusou uma das comissões, a única para qual fora sorteado, e no segundo sorteio saiu o meu nome. 17 romances a ler! Já estão aqui em dois tremendos pacotes, remetidos por Filinto.

E aqui está o primeiro estorvo afluír dos meus planos: 17 romances para serem lidos com urgência sob esta atmosfera quentíssima! E V. jala-me em chupus que não lhe permitiram sair à rua. D'felizardo amigo! V. fez bem não se expondo à umidade no dia 30 só para ir passar-me um telegrama.

Se ainda fôssemos sermonizos e precisássemos de provas de mútua afeição, poderia talvez fazer falta a seu telegrama, mas a nudez estaria justificada

da pela precaução de saúde, a qual era a melhor prova da sua amizade, sabendo V., quanto ela vale para mim. O dia 30 passou festivo pelo presente que me fizeram coletivamente Baby, os irmãos e os meus filhos. Reformaram-me o gabinete, substituindo as minhas estantes pobres por dois grandes armários envidraçados, que lhe dão um aspecto imponente de escritório rico. Foi inspiração de Baby e Jorge, e eram os mais contentes da surpresa que me davam. Dois dias antes havia chegado de Pernambuco uma confortável cadeira, ampla e de forma adequada igualmente ao repouso e ao trabalho diligente; chamam-lhe cadeira-aeroplano; pelo aspecto que tem e é invento de um inglês. Foi presente de minha irmã Ceci, já me promete trazer da Europa uma outra de coaro estilo miple. Agora para estar completo o meu gabinete só falta uma papelaria, em que eu distribua ordenadamente o meu arguê e os meus manuscritos. Mas, quer saber V.? — não o disse aos meus queridos presenteadores para não lhes ajuar o prazer — eu achava preferível ter as minhas estantes pobres de ferro; em primeiro lugar, eram antigas, companheiras, que condiziam com a minha qualidade de estudante, sem gosto de convívio com gente nova advençática; para o meu gabinete só trazia os meus íntimos ou algum raro que me parecesse compreender o meu fetiche; em segundo lugar, porque sentindo o efêmero da existência, quisera editar o que parece desafiar a brevidade da vida; avisa-se-me a ideia do contraste entre o risco da morte e a segurança de longura ou perpetuidade do que

me cerco; eu quisera viver escaiteiro, levando comigo um pequeno volume, o que bastasse para esta viagem curta; iria renovando as minhas provisões. Os meus próprios livros, pudessem eu e os reduzi-los a pequenissimo número, que me acompanhasse totalmente em qualquer mudança temporária que fosse. Não tenho a feliz disposição dos despreocupados, indiferentes ou inconscientes da sua fragilidade. Em tudo, a cada momento, estou a ver a face oposta do que me surge em aspecto de bem e de prazer. Não fosse a minha sensibilidade, eu realizaria em espírito a condição de Diógenes, ou de caramujo, que é irmão dele no mundo. A minha filosofia triste, da inaniçade das coisas, não consente a previdência das formigas.

A sua carta de 27 foi como uma das suas apreciadas visitas de que tenho saudade. De idéias como as suas, ou da pena como a sua, não me vez ouvir o louvor, e contenta-me e alegro-me, porque é de competente. Estou satisfeito consigo quanto a "Contos e Impressões" e ao discursinho sobre Raimundo. Não importaria mais com diferente fuzo de outros, ainda que profissionalmente críticos. Também recebi carta eloqu coastal do Plínio Barreto, e a opinião dele é como a sua, de peso e preço. Fico animado para continuar as novelas e romances iniciados e esboçados. Mas antes deles, desejo preparar para possível edição, talvez remota ou postuma, os meus "Versos" e a "Flor do Campo", malograda novelinha em versos, à qual tenho amor, porque tive prazer e trabalho em fazê-la. A sua observação sobre o episódio do chim no "Morto vivo" é bem prudente, e eu mesmo pensei em fundi-lo com o Gonçalo; mas recei sobrecarregar as desventuras do personagem, já tão malfadado.

Constancio não me entregou a cópia da carta de Silva Ramos; tenho porém ideia de coisa parecida, que ele na minha presença entregou a Jackson para V. Vou indagar se não era o que V. pediu.

E o seu prefácio às "Rimas" de Gonçalo? E quando vem V.? Com que planos? Lembra-lhe a da sua moradia em Paqueta, provisoriamente.

Quando vier, traga-me a emprestimo a sua edição do "Miro" do Mistral, que estou lendo na péssima, ou antes, deficiente edição do Garnier.

Escreva-me de sua saúde, com minúcia.

Abracos. Lembranças de todos e para todos.

Seu de coração

MARIO

Paris, 2 de dez. 1909.

Meu querido Mario:

O meu silêncio é realmente inexplicável, e como eu tenho sempre a ti no meu pensamento e no meu coração, imaginemos que esta carta é uma continuação das outras, das muitas e saudosas outras que tenho te escrito.

Repto que a tua poesia me encanta. Tens a poesia do mistério e do silêncio, e para essa poesia que é vaga, que sugere, que é poesia e não eloquência, é que tens uma qualidade superior: a restrição de meios verbais, uma certa inibição de dizer, de explicar, e de proclamar os teus sentimentos íntimos. Naturalmente dirão que este é o teu defeito, para mim é a tua qualidade, porque este estilo moderado, meio apagado, mas rico de insinuações e de evocações é o estilo próprio à tua sensibilidade, e dá a tua poesia um ritmo tranquilo de elegia suave e larga.

Desejo ver-te sempre na poesia e que continues a extrair das coisas o sentimento do mistério.

E' aí que está a tua magia, não nas odes patrióticas, e nos versos que se inspiram em fatos transtóricos. Tu és um lírico, e é diante do mistério da vida que a tua alma se equilibra e canta.

Também eu não quisera verte levando a simplicidade ao extremo. E nem os quadros de Gênero são o teu forte. Penso mesmo que essa variedade que deste ao teu volume fez-lhe mal. Eu preferia a homogeneidade que saísse de uma só concepção da vida, a esta multiplicidade de expressões. Terias dado mesmo em fragmentos uma obra, como Anthero de Quental deu nos seus sonetos. E' conselho para a futura edição.

Aí vai o meu voto para o Afonso. Voto dado com muito prazer e confiança. E' verdade que na primeira ocasião lhe raiharei um pouco por causa do estilo do prefácio à Mim Kate.

Voto também no Paulo Barreto para suceder o G. Passos. Precisamos de um medalhão para a vaga do pobre e querido Lúcio. Vê isto.

Muitas lembranças afetuosas de minha mulher para você um abraço do teu verdadeiro amigo.

Graça Aranha

P. S. — Vocês da Academia não comunicam nada aos colegas ausentes. Nem eu, nem o Rodrigo, Arinos e Azevedo sabemos quando são as eleições. Não se queiram dos nossos membros

qualidade da sua inspiração ingenuamente brasileira, não da superfície das coisas, mas da essência da terra e do povo pátrios. Sem propósito e sem preconceito, a sua obra firmou-se e completou a distinção nacional da literatura brasileira. Quando no decurso de sua vida literária, arquiram-lhe a expressão para depreciação e fetiche, ele assumiu, com orgulho e coragem mental, a responsabilidade de uma missão, que lhe parecia dever ser somente um exercício de natureza. Morreu antes de poder assistir à realização desse predestino, e se ainda vivesse teria de arrostar os que pertenciam a confiança na parada das forças naturais, em meio da mutação dos fenômenos. As verdades que os eruditos parafusicamente não veem, são mais sensíveis o povo e os espíritos claros que o tráfego e estudam. E foi nesses espíritos, foi no povo brasileiro, que mais fundo calou a obra de Alencar; sob o encanto abstrato que nela gozavam, alguma coisa mais intensa e secreta lhes fazia repercutir o sentimento e vibrar as fontes da vida.

Essa por que na sua morte e por dez anos sucessivos no aniversário dela, a saudade dos que em artigos ou discursos a recordavam, traduzia, em unanimidade de expressão, o pensamento de que na literatura brasileira se abria um hiato ainda não preenchido. Outros grandes escritores, e bastava citar Machado de Assis, tão grande como ele, parecia não continuarem nem poderiam substituir a obra de José de Alencar. Eram diferentes, e não falavam como ele à alma do povo. E ainda hoje o povo lhe sente e busca a obra, intacta e viva, sob a passagem dos anos a que não resiste o pó e o artifício. E há sinais de que o refluxo de opinião dos letrados se inclina ao juízo, que independentemente dele se havia de firmar definitivo na perpetuidade da língua. A palavra de Machado de Assis, em plena glória, já tinha em 1891 lavrado a inscrição de ouro para a estátua em bronze de José de Alencar: "O grande escritor, o robusto e vivaz representante da literatura brasileira."

29 de Julho de 1920

(Introdução de páginas Escondidas, de José de Alencar — Edição Garnier).



MARIO DE ALENCAR, em companhia de Olegário Mariano



MARIO DE ALENCAR, com a esposa e o filho, de J. M. C.

A poesia de Mario de Alencar

O AFRICANO

Costuma estar ao sol, em pé, junto à porteira
Da fazenda, onde escravo arrastou toda a vida
De um dos olhos é cego, e já do outro a cegueira
Lhe vai grudando à face a palpebra caída.

Do corpo seminu sob a pele entanguida
Se esboça a secular ossada quase inteira.
E a aparência ele tem esguia e desengida
De um tronco solitário em queimada clareira.

Dizem que ensandeceu de dor no mesmo dia.
Em que morreu seu dono; outros de nostalgia;
Outros que é feliz e simula mudes.

Porque às vezes lhe vem súbita vida estranha,
E ele pula e descanta e rios arreganha
E agü gunga no joelho ao batucar dos pés.

DEPOIS DE LER A ODE I DE HORACIO

Nem tudo, sábio Horácio, o que aspiravas
E a Mécenas pedias, e o que aspiro.
A mim basta-me um placido reitor,
Entre árvores, ao pé da água corrente,
Ouvindo a voz das musas que invocavas.
Com isso apenas viverei contente.

Longe da turba inquieta que aborreço,
Nem teria ambições, nem cuidaria
De haver glórias da terra. Na poesia
E o grande prêmio dela o vago sonho
Com que eu, vivendo embora, a vida esboço
E num mundo melhor viver suponho.

Tão alto não irei no imenso espaço.
Que toque os astros como tu, amigo.
Mas sei que astros e céus tenho comigo.
Enquanto com estes sonhos bons me iludo;
E como as aves cantam, versos faço.
Isso — que vale o mal? vale-me tudo.

PAZES

Aqui estou.
Nosso pesar,
Se começou,
Deve acabar

Já tudo jaz
Passado, a paz
Faça-se pois
Entre nós dois

Nesta questão
Que em zanga deu.
Quem tem razão,
Você ou eu?

Se eu é que sou,
Perdão lhe dou:
Mas se é você,
Perdão me dê.

Culpado, sim,
Um de nós foi:
Culpe-me a mim
E me perdoe.

Não basta! Quer,
Porque é mulher,
Ter o prazer
De ver sofrer?

E' muito mal,
De certo que é.

Igual não há
Desde Noé.

Olha p'ra o ar?
Olhe p'ra mim,
Sem disfarçar,
Sem rir, assim

Que cara faz!
Não é capaz.
Não pode! Rir!
Já viu, que eu vi.

Custou! Mas pois
Que estamos bem,
Um... dois... que tem?
Mais um... mais dois.

Mais um! Mais um
Não deu nenhum.
Todos que dei,
Eu que os roubei

Quero que dê
Sem a forçar.
Posso roubar,
Mas dê você.

Agora, sim!
Meu coração,
Nós dois enfim
Temos razão.

NA VALSA

Entre outros pares, por gentil e airoso
Desliza no salão.
Da valsa ao lento giro sinuoso.
Ele que é moço e ardente
E junto ao peito o peito dela sente,
Bate-lhe o coração:
E aperta-a febrilmente
No súbito alvoroço da paixão.

Rosto apoiado no ombro dele, a dama,
Se a pressão não repõe,
Nem desvencilha a mão,
Apenas finge que o ama:

A presença do moço abstrai que a abraça,
E enquanto pouca o rosto ao ombro dele,
Por outro moço esbelto que ali passa,
Bate-lhe o coração.

MAE

A primeira palavra que meus lábios
Murmuraram, foi essa, Mãe, teu nome:
Não somente instintiva voz de fome,
Mas ternu voz também balbuciante
Do coração infante.
Então a criancinha pressentia, sorvendo
Sorvendo a clara luz dos olhos teus,
O que o homem só tarde saberia.
Que és na terra a expressão do próprio Deus.

Depois tu mesma foste insinuando
A não abidia crença no meu peito,
E ao deitar-me, de joelhos sobre o leito,
Aprendia contigo a reza obscura.
Mas em teu gesto havia tal doçura,
Tão branda e grave era a tua voz recando,
Que apesar de eu nem tudo entender bem,
Tu o meu coração adivinhando
Que havia um céu e além de ti Alguém.

Quando a fé se tornou em mim conciente
E o coração adulto
Se fez de outros escravo: nem o culto
De Deus, nem mesmo o amor novo e exclusivo
Podeu atenuar o afeto primitivo.
Este ficou sem par.

Porque se do outro, Mãe, a dor me veio,
E eu vaciei na fé, sempre em teu seio
Achei consolo e a fé no teu olhar.

Homem que hoje sou, não posso ainda
Dispensar teu afago e teu conselho.
Velho que eu seja um dia, embora velho,
Se o céu fiver de ti fraca velhinha,
Sempre serei a mesma criancinha
A que em teu colo davas teu calor.
Por quem sofreste, Mãe, por quem choraste,
E a quem sófrega e alegre aviventaste
Com a tua seiva e a tua própria dor.

Em ti há qualquer coisa de sobrehumano.
Tudo passa que é do homem, tudo cansa:
E entanto o teu amor é sem mudança.
Mil anos que viveas tu, mil anos,
Sofrendo a ingratidão e os desenganos
Dos próprios filhos, foras imutável.
No amor incomparável,
Que é como uma divina inspiração.
Pois como poderias, se o não fora
Amar tanto os teus filhos, Mãe embora,
Se tu possues somente um coração!

MARINHA

Sopra o terral. A noite é calma e luz luar.
Intercedente
Sua na praia manamente
A voz do mar.

Os homens dormem: dorme a terra, e no ar sereno
Nenhum ruído
Perturba o encanto recolhido
Do luar pleno.

No azul profundo a lua branca pelo céu
Sem nuvens vaga
E cobre o mar, vaga por vaga,
De um branco véu.

Longe, à mercê da branda aragem, vai passando
Tarda falua;
Nas pandas velas bate a lua
De quando em quando.

Sobre a falua alguém, de amor talvez, lá vai
Cantando, e o vento
Traz para a terra o consolo
Som que se esvai:

Som que se esvai no espaço e no qual o fado
Como um gemido
Faz o estribilho incedendo
De inquieta mágoa.

Alguém marujo vai talvez do coração
As brandas queixas
Dizendo assim nessas endeixas
À viração.

Enquanto lá no azul profundo em que flutua,
Indiferente
À terra, ao mar, à humana gente,
Abre-se a lua.

PONTO FINAL

Do sofrimento que sentia,
Disse de mais e disse mal.
A tanta coisa sem valia,
Ponto final.

Aos outros nada importa, ou pouco
Se eu me sinto feliz ou não:
Porque hei de abrir-lhes como um louco
Meu coração.

Meu coração será fechado.
Como um sepulcro a que ninguém,
Val ver, por mais que seja ousado
O que contém.

Mas como em ti, alma poética,
Acho o consolo de viver.
Irei pedir à fantasia
O que dizer.

Direi do alheio sentimento:
E imaginando o que compor,
Não saberei meu pensamento
A minha dor.

Irei a estranho clima e à idade
Antiga e em sonho, e como um Deus,
Verer a divina verdade
Com os olhos meus.

Se não for crido nem ouvido
Da gente alheia a quem falar:
Ao menos eu terei vivido
Sem me lembrar.

Na minha fantasia aborrido,
Que existe ainda além de mim
Mundo em que tudo acaba moço
E que tem fim.

E eu passarei também um dia,
Como a dormir sem o saber,
Sonhando sempre, alma poética,
Linda a morrer.

A tudo pois que em mim existe,
De sentimento pessoal,
Embora alegre, embora triste,
Ponto final.

SONETO

Oh, quem tornar pudera o ser nascido.
CAMÕES

Se o fado que me fez nascer, mudada
A ordem natural de causa e efeito,
Mudar quisesse o meu mortuário leito
Em berço de existência renovada.

E essa ideia me fosse consultada,
A razão clara, o espírito perfeito,
No momento da morte instante estireto,
No estertor da agonia já travada:

E eu se a lembrança houvesse num momento
De quanto sou na vida trabalhado
Do mal que mora só no pensamento,

Eu sem temer diria resolvido:
Se hei de passar a vida que hei passado,
E' melhor não tornar a ser nascido.

POESIA

Existe em mim, bem no íntimo do peito,
Uma vaga tristeza inexprimível
Que às vezes dói mais forte que essas dores
Comuns de todo dia.

Estas no corpo apenas nos magoam.
E, se violentas gritos e pranto arrancam,
Aham no próprio grito o próprio alívio,
Nas lágrimas alívio.

Consolo traz o tempo que as esquece:
Mas a vaga tristeza que se esconde,
Não me tira uma lágrima dos olhos,
Dos lábios nem um grito.

Do que provém, não sei. Talvez comigo
Nascesse já. Se os brincos não toldava
Da infância, cedo a minha adolescência
Velou de tibia sombra.

E' um misto obscuro de incerteza e anseio,
Temor e tédio e inquietação e mágoa:
E' como um eco muito longe e obscuro
De uma dor que eu ignoro.

E' uma voz a falar-me sempre, sempre,
Do nada que sou eu, do incerto e frágil
De quanto aspiro e tenho. E' uma saudade
De um bem só pressentido.

Procuro às vezes deslembra-me dela
No tumulto da vida: é um só momento,
E súbito minha alma tremie inquieta
Ao pungir que a desperta.

Assim mão descuidada procurando
Uma flor no rosas, retrai, se a pungir
Aguilhão que não vira de um inseto
Na flor adormecida.

ALMA PURA - Tristão de Ataíde

(da Academia Brasileira)

Saudades... Sim, a saudade tira amanhã, quando os ramos do nipo silenciarem sobre o seu túmulo. Hoje é qualquer coisa de mais pungente, de mais amargo. Hoje é a dor de uma mutilação. Mario de Alencar, arrancado de nós, realmente, como um pouco de nosso passado, como um pedaço do Brasil de ontem. Um pedaço de alma, qualquer coisa de leve, de impalpável que não jarrá a vida de todo o dia, que não perturbará o movimento, nem a atenção dos homens tido-crentes. Um pedaço de alma, porém que fará falta a todos que sentem a realidade palpável das coisas imponderáveis. É que faltará sobretudo, a todos que dele se acercavam.

Porque ele foi um centro de convergência, como as letras do Norte como as fontes do Sul. E assim o viamos ora faiscar límpida, de carinho a tudo colorir se aqueciam as almas tocadas de pessimismo frio do inverno que as horas de descrença nos trazem ao coração: ora fonte cristalina que apaga-se, as almas ardentes, que dormem os temperamentos mais revoltados.

É isso que parece tão contraditório — água que repousa ou como que reanimam — ele o era com a mesma bondade milagrosa que lhe criou uma aureola em coração. Chepavam-se a ele por atração realmente irresistível, as criaturas mais diversas de temperamento, de ideias, de condição. E para todos havia em seu espírito uma poltrona de luzes, como em seu coração o mesmo inesgotável carinho.

Porque tinha Mario de Alencar esse dom admirável de compreender, de ser permeável, de se deixar penetrar pelas almas alheias e que tão raro de encontrar e que foi um dos segredos da sedução que ele sempre exercera sobre todos.

Os corações mais fechados precisam sempre alguém a quem se abrir. Em todo o mundo existe um pouco de confissão. E Mario de Alencar tinha a fúria de entendimento das que sabem ouvir e também encontrar a pequena palavra justa que aplaca as tormentas e reconcilia as inséncias. Por isso, sem ser um desses temperamentos de epistolário, cuja chama realine em torno de si as vontades incertas, as inteligências perplexas, os sentimentos tímidos — ele tirava os ares por essa genialidade do coração que lhe iluminava toda a vida espiritual. E sendo um tímido, um retraído, um recluso nunca deixou de ter em torno de si um grupo de amigos, de amigos a toda a prova e de trair para longe qualquer coisa de puro, de profundo, de único, de como que um perfume de espiritualidade que emanava dos homens como ele.

Nunca fui, infelizmente nunca fui dessa primeira linha de amigos, que só eles mesmo poderiam dizer o que havia de riqueza inesgotável em sua alma, o que havia de penetrante e sutil em seu espírito. Mas por isso mesmo, posso melhor testemunhar, daquela onda de perfume que mesmo ao longe irradiava dessa figura, que toda a vida procurou apagar-se sem conseguir ainda esconder a sua luminosidade aos máis, aos indiferentes, aos insinceros.

Há criaturas que mesmo longe de nós, mesmo na certeza em que estejamos de que não nos têm de ter, constituem sempre leitores possíveis, leitores necessários que por assim dizer magnificam de qualquer forma a nossa pena, orientam de certa maneira um raciocínio, uma atitude mental. Mario de Alencar, com toda a sua discreção, com todo o seu voluntário apagamento era para muitas, esse leitor presente e invisível, que corria certos impetuosos do nosso temperamento e nos envolvia

sempre, por menos que seja, em sua atmosfera mental.

Ainda é cedo para dizer o que ele representou em nossas letras, fora desse círculo de amigos, ardentes e hoje possivelmente inconsoláveis, desamparados perante esse abandono brutal, do amigo incomparável. Ainda é cedo. Aquela adorável discreção, aquele absoluto desdém do êxito que era um dos encantos profundos desse homem admirável, fizeram com que muita coisa de sua obra se conservasse inédita. E como não lhe faltaram amigos para trazer à luz, se então se pudesse fazer essa obra de interioridade, tão aguda, e sonoridade tão ensurdecida que começou em 1888 com o seu primeiro volume de versos "Lágrimas" e em quatro anos cessou, para o público ao menos em livro com essas páginas de tão puro quietude dos "Contos e Impressões".

Mario de Alencar procurou sempre apaixonadamente, a verdade. A verdade interior e exterior. Essa paixão da verdade interior, da sinceridade absoluta, não se traduziu por um transbordamento da individualidade, por um subjetivismo livre para quem o mundo fosse apenas a sua representação, ou por esse desdém moral que confunde sinceridade com anarquia dos instintos. Compensava essa paixão da verdade íntima com um excessivo senso das proporções. Daí o sabor de seu estilo, a sua pureza de linhas, a sua sobriedade, a falta de vivacidade aparente que é um amoriolamento. E que ele deixava longamente decantar a sua expressão. Não que amasse a arte, os laboriosos burilamentos do estilo. Fazia porém, dormir e sua prosa para arrancar-lhe justamente o que para outros seria qualidade e que lhe parecia apenas aparência de movimento. E assim essa busca incessante de verdade interior, em vez de traduzir-se em confissões românticas descabeladas, chegava sempre a uma precisão de traços e a uma suavidade de harmonia, que só responsabilmente, recolhidamente podemos saborear. Nunca foi preciso e sempre preciso. Nunca trabalhou pelo estilo, mas justamente para apagar o estilo, para fundir ao extremo a forma e a ideia, para chegar à expressão lída, macia e corrente.

Tudo isso mostra a ausência de tropicalismo que nele encontramos. Porque motivo chamaríamos de artificiais essas almas mediterrâneas que atravessaram o Atlântico e vivem em nossas letras como um fio d'água cristalino que não se interrompe? Por que devemos de exigir de todos os nossos escritores o verde perene, o sol ardente, a natureza despenhada? Seria chegar a uma falsidade: não contrária às nossas necessidades de expressão literária como a exigência de imobilização da língua ou a conservação integral das formas poéticas.

Mario de Alencar não teve o brilho, a vivacidade, o colorido. Não conheceu a sua prosa, nem a sua poesia, o vento do largo ou o vó do dominador. Tudo se passou dentro do coração. E dentro do coração, mas sem desviá-lo dele. Sempre nessa atmosfera mental de intelectualismo que toda a literatura respira. Foi esse intelectualismo que lhe compenhou, que lhe coordenou a sensibilidade à flor da pele que possuía. Todos sabem que não foi inspirado, um arcabujado, um apulento de ideias e de imagens. Todos sabem que nunca teve nem teria os vólos das torrinhãs. Nem nunca os cortejos. Mas só quem desconheceu os seus escritos, já sem falar no homem, poderá ignorar que admirável, que finíssimo sensibilidade havia em todos eles, sempre foi porém uma sensibilidade disputada

pela inteligência, com esse admirável pudor de expandir-se que é o sinal de certas almas profundas e verdadeiramente interiores.

Mas não se limitou a essas mergulhos em procura da verdade interior. Não a verdade do realismo banal, das formas aparentes. Mas a verdade do processo exterior da vida, por assim dizer, dos indivíduos estranhos a ele, das almas em ação. Sempre aliás, uma ação desordenada, estirada, repetida constantemente nos mecanismos íntimos como memórias delicadas narrativas "O que tinha de ser". Onde a vida se alonga numa concatenação de arremedios, do mediocre quotidiano onde banha quase sempre a nossa sede de imprevisível.

Não a teve Mario de Alencar. Ou antes, não procurou provocar o imprevisível, encontrá-lo no extraordinário, no original, no fora do comum, onde sabemos bem que o vamos encontrar. O que o impressionava mais era justamente o imprevisível modesto das coisas apagadas, das existências ignoradas, das almas a meia luz. Quem não se lembra dessa admirável figura de Tia Lúlia onde o trágico do sofrimento se dilui no cotidiano, onde toda a sensibilidade de Mario de Alencar pareceu encarnar-se, uma figura apagada de martir "Tão boa, tão boa" e que desaparece como um último acorde abafado e diluído.

Em surdina, sempre em surdina, escrevia e portanto pensava Mario de Alencar. Em surdina, na penumbra para poucos leitores, para aqueles que quisessem e soubessem respirar com vagar o perfume interior, o bálsamo de verdade e sensibilidade que havia em tudo o que escrevia.

Contava-me um íntimo seu, o abalo, irremediável, que essa alma angélica sofreu, depois da morte do seu grande amigo Domício da Gama, ao compor de mormente, com todo o amor com que sempre venerou a poesia dos epítafios em verso, em português, outro, parece em inglês (talvez em latim, pois era um fino humanista) em memória do morto que lhe era tão querido.

E esse amor, esse respeito, com que Mario de Alencar venerou a literatura, será seguramente uma das heranças mais valiosas, um dos exemplos mais dignos que nos poderia ter deixado esse fino e silencioso artista. A literatura nunca lhe foi um passo-tempo inofensivo, uma vaidade, um ganho-pão, sem amor. Sempre respeitou a palavra. E esse é realmente um precioso legado dessa alma sem juça. Paul Heruleu intitulou, admiravelmente uma das suas peças "Les paroles Restent". E com esse admirável título devemos compensar em nosso espírito o mal que a memória do vulgarismo proverbial latino vai fazendo em todos os homens. Devemos respeitar a palavra. Devemos reconhecer que ela não é apenas um som. A palavra é uma força, é uma carne, é toda uma vida. Ela toca, ela move, ela palpita como um corpo. Ela sofre e sobretudo faz sofrer. Ela é a própria vida do espírito em ação. E justamente porque é frágil e alada, porque é indefeso contra todos os desvios com que docilmente a vamos diariamente dilapidando, justamente em honra a essa sua feminina fragilidade é que tanto maior e o nosso dever de veneração, de respeito, a sua missão superior.

E Mario de Alencar foi um mestre de respeito à palavra, sem o qual a literatura degenera nessa feia miserável de vaidades e degradações a poucos mil réis que inundam as literaturas. Em sua memória devemos sempre buscar esse admirável exemplo que nos deu de amor pela palavra, de so-

Correspondência de escritores

CARTA DE MARIO DE ALENCAR A AFONSO CELSO

Prezado amigo e confrade Conde de Alencar Celso. Receba um abraço muito triste pela perda do nosso querido Raimundo. Tenho o coração ferido desde ontem à tarde, e só agora sei quanto quer aquele bom e velho amigo. Mandando-lhe, em provas, paginado, seu artigo. Se puder, faça-me a favor de levá-lo amanhã à Academia. Seu admirador e em "ob".

MARIO DE ALENCAR

Rio, 15-9-11.

Prezado amigo e confrade Conde de Alencar Celso. Receba um abraço muito triste pela perda do nosso querido Raimundo. Tenho o coração ferido desde ontem à tarde, e só agora sei quanto quer aquele bom e velho amigo. Mandando-lhe, em provas, paginado, seu artigo. Se puder, faça-me a favor de levá-lo amanhã à Academia. Seu admirador e em "ob".

MARIO DE ALENCAR

Rio, 15-9-11.

briedade em seu emprego, de precisão no modo de aplicá-la e enfim de respeito à sua finalidade.

Porque realmente o que houve talvez de mais belo, nessa alma delicada, que a morte — "mais real que a própria vida" dissera ele um dia, tão revoltantemente nos levou, — o que houve, talvez de mais belo, de mais sedutor nele, foi a pureza, com que soube preservar a sua humanidade. A literatura é uma dominadora terrível. Se ela nos dá por vezes, a expressão do que sentimos em nós de vago, de impreciso, de obscuro e talvez à custa do que havia de verdadeiro e de espontâneo na alma de seu autor. A custa de procurar a verdade das outras almas, a custa de se submeter aos espíritos estranhos, o romancista perde por vezes o seu próprio eu. A custa, por seu lado, de explorar esse eu, de elevá-lo ao céu, de anotá-lo em seus meandros mais obscuros, o poeta artificializa esse eu tão decantado.

E assim a impleção vai sacrificando a verdade própria das que buscam a verdade alheia. E é sempre uma vitória dolorosa e difícil, impedir que essa degradação, que esse artificialismo se consuma.

Mario de Alencar, foi um desses que conservou intacta a sua verdade íntima. Nele o homem de letras nunca sacrificou o homem. Não chegou a criar, essa segunda natureza em que o hábito de viver na fantasia leva tantas vezes os artistas.

Não. Nunca. Conservou-se sempre homem bom, carinhoso, simples: Amando acima de tudo a bondade de coração, a sinceridade dos sentimentos espontâneos que nenhum grau de genialidade supera.

E esse foi para mim, o segredo da sua vida de artista, e o exemplo mais admirável que nos deixamos, como consolo e como preceito.

"O Jornal", de 13-12-25.

Saudade de Mario de Alencar

(DO MEU DIÁRIO, CONFIADO A DIAS DE BARROS)

Rio, 7, 1914.

Se eu me for daqui do Rio para o meu sepulcro, em Sergipe, terei, entre outras, uma grande saudade, filha do que há de mais delicado em meu espírito. Será a de Mario de Alencar.

O mistério envolve tudo, as correntes místicas que nos governam são cotidianas, tanto quanto os desejos mais primitivos; as coincidências não serão outra coisa talves.

Esta por exemplo: Tive, desde que li O que tinha de ser, a pequenina joia que é aquela novela, a certeza de me fazer um amigo do seu autor, mal o visse.

O espírito que ensombrevia dolorosamente aquelas páginas melancólicas o Destino ali no título, de olhos tristes e serenos, tudo isto me dizia.

Conheci depois mais páginas de quem é escritor pela mais bem fadada das heranças. No gênero biográfico — já o afirmam alguns, em artigo que nem sei aonde para — está acima de tudo que se faz no Brasil, pelo menos assim é no que, de sua obra, neste sentido, tenho lido.

A sua vida interior é muito intensa, quase trágica por intensidade. Quero dizer — e aí aplico o princípio de Broussais — a placidez morfológica do seu espírito mal resiste ao exame interior constante, obstinado, que lhe torce as linhas, levanta aqui e ali as coisas assentadas, e faz tempestades, quando só desejava ver aquelas coisas mesmas sob uma luz mais viva. Por isso é navegante afeto às

(Continua na página 27)

Um artista sensível e puro

C. DA VEIGA LIMA

Segundo a filosofia platônica, não é justo formular um julgamento; o princípio moral é estreito e se limita ao horizonte do que o formulou. Mas há um julgamento relativo, parte do sentimento conciente da natureza que tem o homem espiritual, e o eleva à comunhão do sentimento amplo da liberdade.

Tive notícia da morte de Mário de Alencar com espanto e comovido, certo de um abando involuntário que me tocava e de que eu sentia, de maneira inconsciente, o peso das sombras trágicas e a luz macia da vida espiritual em que renascia feliz talvez o espírito inocente do poeta.

A religiosidade do espírito, envolvida de treva no turbilhão da vida inconsequente que passa, reaparece em certos momentos de comovção profunda, como um rebule da divindade obscura do ser, para nos dar esperança de vida melhor, de vida menos singular de aparência que a nossa, trágica em si mesma, porque se destrói realizando-se e si própria. Tenho certeza de que assim meditava, muitas vezes Mário de Alencar, que, sem a posse do sentimento trágico da vida, oriundo da filosofia relativista de Simmel, vivia numa atmosfera metafísica pelo dom da intuição. É o absoluto original de que fala Simmel, introduzível para o retórico que pensa alinhando conceitos; mas intuitivamente vivido pelo "eu" em certos gozos puramente estéticos ou em alguns casos de admiração intensa. O absoluto da vida, sublimado na arte, torna-se o simples que é perfeitamente o belo. A vida ardente, a apaixonada da arte, que resume as aspirações culminantes do ser tem de ser realizada ou pela cultura mágica dos indus ou dos druides ou pela cultura apolínea que foi a dos gregos, mestres de toda humanidade.

As vibrações subjetivas em Mário de Alencar eram harmônicas e repousadas na medida apolínea.

A grandiosidade do seu espírito platônico amava a luz tranquila das idéias simples, destacadas somente da matéria comum do pensamento vulgar por um mesmo intuitivo de fonte original, onde cantavam ritmos de poesia pessoal e tinham um encantamento próprio, dando-lhe a posse do instrumento maravilhoso do estilo.

Custava-me a crer que não fosse um artifício de cultura requintada, aquele dom de arte, a sua maneira de dizer, transparente na luminosidade das idéias correntes. A sua intuição culminava nas páginas afetivas, tocadas de perfeição e sentimento, tão sensíveis apareciam as graças cativas da sua alma de poeta lírico. O discurso de recepção, na Academia, a Antonio Austregesilo, é uma pequena obra-prima de perfeição estilística. A flor de sua alma cética tocada de amizade e admiração, daria naquela página o seu perfume de imortalidade. As palavras não ali ligadas, por mil correspondências secretas, mil afinidades misteriosas, formas flexíveis e sinuosas das sensações que se transmitem em valores espirituais. O desenvolvimento silogístico do discurso não me interessava, sentia, naquela noite memorável, a música das idéias desenvolvendo-se num arabesco poético de uma riqueza prodigiosa.

Sentia-me feliz, com a embraguez daquela juba de mel grego sob a luz dos trópicos. Platão sorria à minha imaginação e com o encantamento do silêncio da alma retirava-me contendo da vida, porque ouvira a musa. A tonalidade afetiva da sua alma daria às páginas de recordação sobre Machado (Continua na página 27)

MARIO DE ALENCAR — Eugenio de Castro

Quanto mais decorre o tempo mais sentida saudade me deza em linhas de suave harmonia a imagem de Mário de Alencar. E quando assim a ausência prolongada não cria o esquecimento, antes motivo se faz de lembrança constante, é que perdura a amizade.

Tres anos não já passaram de sua morte.

Se ele houvesse sido alguém tocado da graça do cristianismo, ao evocar o hoje, em ambiente místico de um templo católico onde vagueassem sons plangentes de um órgão na carila de tenue luz coada pelos vitrais, ganharia a imagem evocada em sublimidade ou purificação. Mas Mário de Alencar foi antes de tudo um poeta de mentalidade helênica, amoroso de nossa natureza, de cujas largas paisagens ou de cujos recantos de singular pitoresco fez em tempo bem significativo de sua vida, seu mosteiro, seu templo, sua cela.

As horas de seus mais belos religiosos retiros passou-as enarmado das serras brasileiras, escutando o murmurejar dos regatos, o gorgiejo da passadeira multicolor, a sombra de nossas árvores magníficas, guardando na alma mais as paisagens veladas nos meios tons dos plenilúnios que as aclaradas pelo nosso luminoso sol.

E das serras que o destino elegeu para cenário de sua meninice e de sua juventude, foram certamente as da Tijuca, as em que viria sua alma de homem, de poeta, de artista, a encontrar propício ambiente para cultivo de sua fina sensibilidade.

A TIJUCA, O SOLAR DOS COCHRANE

Quem, há seis lustros passados, deixasse nossa velha cidade de aspecto colonial castigada de impiedosas escolheiras e buscasse as encostas sombreadas da serra tijuicana, galga-la-ia ao passo tardo das diligências. E ao vencer lentamente o íngreme caminho entraria de logo em espírito e alma a identificar-se com a poesia de sítios privilegiados para a meditação, para a vida e para o sonho. Nesse tempo, por ainda respeitada a mata no seu esplendor altivo, o ritmo da alma humana por esses caminhos embebiava-se do outro ritmo da tropical natureza que o acolhia, aqui, na alacridade cantante, de uma cascata ou de um córrego, alem, numa revoadada assustada, de passaros, na sombra de um ipê corado de flores de ouro ou de uma paineira que atapelava a estrada com pétalas róseas de sua ganhada florida.

Só a baía da Guanabara, obrigada ao longe, numa ou noutra aberta da mata, distrairia a atenção do viajante da Serra para a cidade envolta em dias estivais num véu dourado de luz. Mas de novo acolhido no sussurro poético e na frescura ameníssima da floresta, só tornaria ele a rever a cidade e o mar, quando, alcançando a "Bica do Monteiro", e depois o "Alto da Boa Vista", estanciava por momentos a diligência para que desalterassem a sede em água cristalina, tanto o viajante tomado de emoção, quanto as alimárias ofegantes de cansaço.

Para quem buscasse o Hotel White, levado pela rara pericia do cocheiro, a diligência desceria a estrada das Furnas; estrada que logo derivava noutra para quem tivesse por itinerário a "Gávea Pequena" ou a "Vista Chinesa", aberta no seio de majestosa selva. Era quase todo este caminho sombrio traçado entre árvores anelãs enramadas de cipós e trepadeiras, ornadas de parasitas, de avenas e samambaias pendentes de ribanceiras cobertas de limo e de recantos umedecidos pelos córregos, alcançando a "Volta da Saudade", de onde se avistava sobranceiro a todo panorama silvestre o solar dos Cochrane.

Do que foi essa vivenda de bom gosto falavam os que ali fruíram a proverbial hospitalidade solaranga; ora, dos jardins cultivados das mais raras flores; do lago tranqüilo com pitoresca ilhota ao centro; da ermida de fino lavor; do cruzeiro trabalhado; da casa dos hóspedes, da grande jaquelva veneravel que agasalhava de logo à sua sombra os recém-vindos; ora, do solar príncipesco como o culto do velho Cochrane à natureza brasileira, cuja magnificência tinha uma das suas expressões mais altas no cenário que o circundava.

Ali tantas vezes repousara de suas fadigas políticas e mais perseverante praticara seu labor literário. José de Alencar; ali também se ensaiara no grato convívio das musas, o filho, que como oirives do verso e cultor da nossa formosa língua iria assim ingressando na provincia das nossas belas letras, cujo príncipio fora, era, e é de seu lustre Pal.

Já então torturado o espírito de Mário de Alencar, ante a incerteza de vencer, ou de desaparecer sob o peso do glorioso nome herdeiro, ele exclamara tomando por confidente a natureza:

Antes ser aquel'árvore nascida
Junto à lagoa que lhe espelha a imagem
Na água adormecida.
Deu-lhe a lagoa o vício da folhagem.
E o grosso tronco e a larga e umbrosa fronde
Que o sol pela manhã banha de prata
E é toda de ouro quando o sol se esconde
Na orla extrema da mata.
Muito passara ali que vai sedento
Beber de águas frescas da lagoa.
Teu "árvore" e entoa
O leve e agreste acento,
Tanto e de tal maneira
Que parece que é árvore que canta.
E o "árvore" alacra
Por sobre toda a mata ao se levanta
A fronte com orgulho
Como se já não fora ali nascida
Na humidade do chão
Não vai tão alto o tímido murmurio
Da água adormecida
Que deu tudo àquela "árvore" a ilusão
Do céu infinito, a larga fronde umbrosa.
Que do canto dos pássaros resaca...
E a "árvore" orgulhosa
Não conhece a lagoa
Onde se banha sem.
Oh! árvore feliz!
Antes ser como ela; antes assim
Pouco eu também;
Não sei como é que sou, nem de onde vim,
Fresco, mortal raiz.

("Versos", pag. 131).

O POETA

Já tendo realizado seus últimos estudos na Academia de Direito de São Paulo fácil lhe seria alongar suas férias e grande parte de sua mocidade como peregrino serrano, horas e horas esquecidas a vagar pelas alamedas e picadas sombrias da mata, e a enriquecer sua sensibilidade na sabedoria desses momentos poéticos que se ali penetram a cada passo e que seu olhar com a luz interior de sua própria alma irá colhendo sedento de harmonia e de beleza.

Já se lhe não mostra companheira nesses passeios, a alegria; antes a incerteza a alternar com a esperança, ou a desilusão com a ilusão. E se a incerteza ante a responsabilidade literária do grande nome que traz lhe é constante companheira, também não se lhe mostrará esquivia a esperança ao revelar-lhe um bemitido olhar que o destino lhe reservou para toda vida; e se a desilusão o martirizará ante o projeto da obra literária que sonhara realizar com personalidade, a ilusão de realizá-la crescerá quando, perlustrando as letras gregas em que se fez erudito, tiver diante de si a miragem da perfeição... E qual o artista que já não a teve, como realidade, ante os olhos alucinados, e não a viu, lentamente dissipar-se como forma vaporosa da glória?

E daí, tantas vezes, esta "vaga tristeza inexprimível", cuja origem ele interrogará nestes versos:

Do que provém, não sei. Talvez contem
Nascere já. Se se brincar não toldava
Da infância, vido a minha adolescência
Velou de tibia sombra.

E um misto abacore de incertezas e ansias,
Temor a tédio e inquietação e mágoa;
E como um eco muito longe e obscuro
De uma dor que eu ignoro.

E uma vez a falar-me sempre, sempre,
Do nada que sou eu, do incerto e frágil
De quanto aspira e tenta. E' uma solidão
De um bem só prometido.

Procure às vezes deslenhar-me de lei
No tumulto da vida: A um só momento
E subito minha alma tem a inquietude
Ao punir que a desperta.

Antes não desculhada procurando
Uma flor no rosal, retrai, se a punge,
Aguinho que não tira de um insecto
Na flor adormecida.

("Versos", pag. 22).

Qual a verdadeira origem do mistério? Não resultaria do encontro de duas finas sensibilidades: uma saxônica, outra latina, — se bem que uma, a materna transmitida com amor, e outra a paterna, com austera bondade, — mas no fundo incompreendidas na essência da alma-formada?

Atentemos na sua poesia "Alma", auto-retrato da sua:

"Por que soures e gritas
"Nessa eterna saudade
"Das remotas regiões indefinidas
"E se debates presa de torturas,
"Como um pale que lembra na infância
"O silbo onde torrei na breve idade?"

("Versos", pag. 34).

E como assim integrar a expressão simbolizada nos formos "Terceiros" em que o "log" dos hibernais países dos saxões lhe parece toldar a luminosidade dos mais azues e maravilhosos dias da nossa terra!

Escutemos a voz do poeta:

Sou e vivo estrangeiro na alergia.
Terra em que nasci e fui criado,
Não lhes reus minha não meio dia,
Somente a brande lume amaneceu
Da tarde, quando vai e sol calado
E logo é o céu de sombras apagaes.

Somente a luz do sol relutando,
A alegria do sol que ali passou,
Tão rápido com a seu clarão infundo.

Nestas terras, porém, onde ora estou,
Os olhos me entretêm os anseios
Meios de um sol que nunca lá brilha.

Vem: suprimos meus olhos as ridentes
Marchas anas, de céu muito alto e quieto
Checo de aves sonoras e contentes.

Tanta bondade inspira a brande aceto
Da natureza entio, que as pássaros colam
Furece que nos olhos com afeto.

Concertam-se nos ares harmoniosas,
Vozes que vem da terra e vem do céu,
E até gritam de árvores ruidosas.

Saudando o grande sol que aparece,
Assim também os homens e animais,
Alegres todos andam, meus eu.

Que, estrangeiro entre todos, se joviava
Expressões com que falam, não entendo
Porque antes nunca ouvira expressões tais.

Ainda a ver se consigo, aqui vivendo
E atento aos outros coplando em tudo,
Nunca língua aprender, mas não apreendo.

Não basta a não vontade e o não estudo:
Mais vale do que o esforço a que há de ser;
Pois se quero falar, me sinto mudo.

E eu somente me vejo sem prazer
Entre tantos que o teito; porque, não sei;
Talvez por que não posso me esquecer
Da saudade das terras que deixei.

("Versos", pag. 42).

Revela-se, sob estes acentos poéticos, uma alma bipartida de quem descê da unidade a dar à sua própria alma, uma vez que, fracionada do de saudade de umas terras que deixou... Mas que saudade — quela, que "spleen" — mas que terras distantes — quela estrangeiras — serão estas, que os versos denunciam?

O acento triste destes já então domina francamente quase toda sua obra poética. Raro, ao ter de fixar em palavras sua emoção, o poeta o fará sob o equilíbrio das duas sensibilidades herdadas; porque a de origem materna, profundamente feminina em sua essência, dominará em marcada ascensão seu espírito, contendo a outra, rica de sentimentos, mas já disciplinada, em parte, pelo senso de medida e de força tranqüila que colheira nos ritmos da poesia grega. E, se aquela será fator preponderante para levá-lo, na sua peregrinação de artista, à tristeza, à melancolia e finalmente a visão tétrica e perseverante da morte — e para nos dar desse primor literário que é a sua "Núpcia de Vagalumes", traçado poucos anos antes de seu apartamento da vida, até essas figuras atormentadas de suas novelas, — a outra, liberta tantas vezes, neste cenário que

Mário de Alencar - João José de Ataíde Flor do campo - (Novela inédita) (Jackson de Figueiredo)

EPILOGO

Vida, minuto a minuto, passo,
Sombra tênue de um desejo.
Voz que trêmula esvoaça
Num sonho, às vezes num beijo...

No espírito de Fábio repassavam
Como estribilho de remorso e peno
As palavras do breve telegrama,
Que decidira a súbita viagem:
"Urgente. Venha. Laura muito mal.
Alongavam-se as horas do percurso
Que a ansiedade da espera desmedida
Seus olhos não olhavam ao paisagem;
Nada viam no livro às mãos aberto.
"Urgente. Venha. Laura muito mal."
Em turbilhão voava o pensamento
Ao longo extremo do trajeto infundo,
E reveria ao tardo e inerte corpo.
E ia e voltava e alava-se no espaço
E no tempo seguindo horas antigas,
Horas de acaso em que a saudade abria
Mavioso crepúsculo de sonho...

II

Visão que o leva agora pela estrada
No arranco da carreira impetuosa
Do animal a que punge aguda espota,
Com toda a força d'alma que o levava.
Visão que se levanta com um floco
De névoa ondeante no luar calado;
Visão antiga, imagem viva ao morto;
Alma talvez do amor aqui nascido,
Aroma de saudade e de volúpia,
Que a doce luz se exala do florescer;
Surges da terra ou é do céu que desce?

III

"— Laura!" e sem mais dizer Fábio ajoelhou-se
Ao pé do leito, e à mão que ela estendia,
Entre as suas tomando-a, pôs os lábios,
E em longo, ardente beijo distorçava
O espanto, o dor, o medo dos seus olhos.
"— Fábio! E' você? Posso morrer agora.
Custava-me morrer sem vê-lo, Fábio."
Disse-o com pausa e esvôco, mas sereno,
Em resignada quietação distante:
De quem já olha a vida do outro lado.
Fábio não mais conteve o ímpeto ao pranto,
"— Laura, por Deus, não fale em morte, Laura...
Há de viver... Aqui estou eu, seu noivo."
"— Pensei que você tinha me esquecido.
E adoeci de saudade e de tristeza,
Mas você veio... já não morro... triste..."

IV

Dias depois o doce morte veio
Trazer ao pobre corpo o último sono.
Olhar fixado em Fábio, a boca muda,
Na angústia do respiro que a entreabria,
Co'o braço apenas, por um lento esforço,
Laura tentou um gesto vão de fala.
Fábio entendeu-lhe a súplica; e da boca
Ainda quente, recebeu-lhe a vida.
E nas pupilas dela, antes que a sombra
O doce úmido brilho congelasse,
Fábio sentiu o último olhar que o ungia
Como bênção de amor e de perdão.

MÁRIO DE ALENCAR

Palando de Mário de Alencar, Atrânio Feixoto lembrou Joubert, o suave e profundo Joubert, que "nasceu amigo". Eu lembraria Saint Martin, talvez ainda com maior felicidade, se esse tipo singular da história do pensamento francês fosse, entre nós, tão conhecido como aqui. Mas Saint Martin que, desde Matter, vem merecendo os cuidados da crítica universal, e surgindo lentamente da meia sombra em que, voluntariamente, se deixou ficar, ainda é o pensador que só tem amigos no escol dos curiosos da alma humana, dessa alma humana que se revelou de um século a esta parte, tão solidamente ligada à vida do Cristianismo e tão ansiosa por libertar-se das regras que ela impõe. Ele foi o homem que se chamou a si próprio "Le Philosophe Inconnu", e é como tal que aparece nos seus livros, onde não há indício que permita uma identificação. Mas a sua figura singular, val, pouco a pouco, como disse, aclarando-se, vivificando-se, ressurgindo, pelo milagre das preocupações contemporâneas em relação às origens do movimento revolucionário que consagrou o individualismo da Reforma. Ninguém como Saint Martin — sabe-se hoje — movendo-se em círculo tão modesto de relações sociais, exerceu mais influência sobre a sociedade que proclamou os supostos direitos do Homem, e ninguém, ao mesmo

tempo, mais do que ele, semeou sugestões e intuições aos homens que, logo após, encarnaram o movimento reacionário contra o geométrico materialismo da Enciclopédia. Foi um poder oculto mas, relativamente formidável, e a força quase despotica da sua simpatia pessoal tem que ser um dado permanente para o historiador, que queira penetrar a fundo, tudo quanto de verdadeiramente espiritual confina com a misteriosa elaboração da Revolução Francesa.

Mário de Alencar exerceu um poder semelhante entre nós. Parecerá exagero dizê-lo, mas só os que penetraram o círculo da sua intimidade, poderão julgar do que foi a ação, por assim dizer, esotérica daquela grande alma sobre o meio intelectual do Rio de Janeiro, o que quer dizer sobre o meio em que se definem as correntes, as tendências espirituais do Brasil contemporâneo que, por mais que o desmintam fatos e também o pessimismo desabalado de alguns observadores a verdade é que as tem, e não pouco influentes sobre a marcha da nossa vida.

Ninguém dirá talvez toda a extensão da sua atividade afetiva, a serviço de um senso de harmonia e de paz, como jamais vi em homem algum. Aparentemente não lutava em que apareceu o seu nome como cabeça de grupo ou facção apaltonada. Ainda é cedo para analisar o que

se movia, se converterá em pequeninos poemas de sentimento, que ele irá declamando, sem cessar...

Serão estes quais mimosas violetas escondidas no meio verde das folhas e das denunciadas, aqui ou alem, pelo subtilíssimo perfume com que embalsamam os recantos sombrios da mata...

"Mãe" é bem um desses pequeninos poemas emotivos, em que principalmente os que vieram a ser os mais estremitados amigos de Mário de Alencar, encontraram a pureza da fonte do bem, do nobre sentimento humano que ele lhes dará a penetrar nos encantos da amizade:

A primeira palavra que meus lábios
Murmuraram, foi essa, Mãe, teu nome;
Não somente instintiva voz de fome,
Mas terra voz também balbuciente
Do coração infante.

Enão a criança apresenta,
Porvendo a clava luz dos olhos teus,
O que o homem só tarde saberia,
Que és na terra, a expressão do próprio Deus.

Depois tu mesma, forte, dizendo
A não sabida crença no meu peito.
E, ao doloroso, de Joubert sobre a letra,
Aprendi contigo a resaca obscura;
Mas em teu peito havia tal doçura,
Tão branda e grave era a tua voz remota,
Que, quando, de eu nem tudo entender bem,
Fiz a meu coração adormecendo,
Que havia um céu a além de ti-Alguém.

Quando a fé se tornou em mim consciente
E a certeza adulta
Re fez de outros escravo, nem o culto
De Deus, nem mesmo o amor novo e exclusivo
Poude suster o alito primitivo.
Este ficou sem par.
Porque se do outro, Mãe, a dor me veio,
E eu vacilei na fé, sempre em teu seio
Acheli consolo, e a fé no teu olhar.

Nemem que eu hoje sou, não posso ainda
Dissonar teu afago e teu consolo.
Veio que eu seja um dia, embora velho
Se o céu fizer de ti fraca velhinha,
Sempre serai a mesma criança.
A que em teu colo davas teu calor.
Por quem sofreste, Mãe, por quem choraste,
E a quem sórgeste, e alegre adiventaste,
Com a tua seiva e a tua própria dor.

Em ti há qualquer coisa sobrehumana,
Tudo passa que é do homem, tudo cessa,
E entendo a teu amor é sem mudança,
Mil anos que vivemos tu, mil anos,
Sufrendo a ingratitude e os desencontros
Dos próprios filhos, seres insubstanciais
No amor incomparável.
Que é com uma divina inspiração,
Pois como poderias, se e não fora,
Amar tanto os teus filhos, mãe, embora,
Se tu possas somente um coração!

("Verme", pág. 9).

* * *

Picaram esparsos por essas dozezas e caminhos da Tijuca muitos dos versos que não escrevi.

Visitando-os hoje, poderão os que amaram Mário de Alencar, não reconstituir aqui ou alem sua obra inédita mais profundamente brasileira, mas saborear, na poesia desses ermos lugares, como que a mesma essência de seus versos perdidos. Recordam-no-las ainda o murmúrio dos regatos, o sussurro da montaria, a delicadeza dos tufo das avenças, uma ou outra curva caprichosa dos cipós em flor, o gorjeio dos pássaros e até o cantarolar dos tropeiros saindo e decendo a montanha.

Nestes sítios encantados se deveria erguer significativamente uma fonte com o seu nome, convidando o viajante a lembrar a vida e o ideal do poeta; porque, ao beber da linfa cristalina, haveria de vê-la ver refletida toda a beleza de um recanto dessa maravilhosa terra como a própria beleza da alma de Mário de Alencar.

8-12-28. — ("O Jornal").

Deus foi, para Mário de Alencar, não um dado teórico, mas uma conquista da experiência aséptica, pois não há quase exagero em dizer-se que, chefe de família, burocrata, em trato contínuo com homens os mais diversos, ele foi um verdadeiro asceta, e não só na feição interior da sua vida. Ela poderia repetir a palavra de Pauline a quem lhe perguntava onde tinha achado "Deus": "No lugar onde esqueci de mim mesmo."

Quem escreve estas linhas sentia, desde o dia em que perdeu em Mário de Alencar, o amigo mais fiel e mais carinhoso, sentia o vexame de não saber traduzir em duas linhas, que fossem, este sentimento de perda irreparável, e, porque não dizê-lo? — de solidariedade na dor com todos os que já lhe homenagearam a memória, com fervor de verdadeiros crentes na bondade humana, de que aquele homem foi, de fato, uma afirmação irrefragável e até, sob certos aspectos, desorientadora.

Consigo hoje traçar estas linhas. São, por enquanto, um mero testemunho de fidelidade e, como disse, de união com os que se sentem, desde que o perderam, como expulso de um lar espiritual.

Mas com as lágrimas que tenho na corcova ainda hei de coroar o seu vulto moral, em tela de saudade.

("G. de Notícias", 23-12-925)

Raimundo Corrêa e Guimarães Passos

(Continuação da página 11)
Neste Capir sem marulhos,
Sem mactérias, quieto, quieto,
Em vão brota o lodo úmido
50 venenosos tortuosos.

Em vão sobre ele balança
A peste, e na superfície
Pois a nata da imundície
E zumba a mosca-vareja.

Em vão: que Deus não esquece
As coisas mais vil: portanto,
Sobre esse putrido nanto,
Batendo, o sol resplandece.

Deus ante a Pluma aderece
Na escuta e tabula vasa,
E a pontaria infundida abrasa
Da podridão deletéria!

Da-lhe a luz, sem convertê-la,
A luz, pois já jencia de lodo
Deixa o lodo de seu lodo,
E a estrela de seu estrela!

Mas basta a luz nele acende,
Pra que o barro vil reflicta
Daquela chama infinita
Toda a infinita grandeza.

Senhores, se pudesse ter pre-
valecido o meu voto, mala intimo,
se houvesse como arrastar
o preconceito humano e a cen-
sura viscosa, eu teria feito da
chegada dos restos dos nossos
confrades o motivo de uma festa;
sem coche, sem grinaldas,
sendo as de louro, carregaria-
mos nos mesmos aqueles cofres
de relíquias recuperadas, en-
tando-lhes os versos, glorifi-
cando-os com a pura glória da
sua vida imortal, e sobre os ja-
zigos, em vez de flores de sau-
dade, seriam ainda as flores da
sua poesia, que espargiríamos,
abrindo-lhes as auras do emité-
rio o perfume, a cor e a bele-
za; e sobre a pedra do de Rai-
mundo Corrêa, eu quisera po-
der restituir-lhe, como um bel-
jo agradecido da sua e nossa

terra, o encanto do último

parto:

Este o pois ideal que em sonho
Ideou:
Aqui o estro das aves me arrebatou,
E em flores, cachos e tesões desola
A natureza o virginal tesouro.

Aqui perpétuo dia ardente e louro,
Fulgura: e, na torrente e na cascata,
A água alardeia toda a sua praça,
E os lanjarões e o sol todo o seu ouro.

Aqui, de rosas e de luz tecida,
Leve mortalha envolve estes destroços
Do extinto amor que inda me pesam
fletos.

E a terra, a mãe comum, no fim da
vidua,
Para a nudez me cobrir dos ossos,
Rangue alguns palmos do seu verde
lramito.

E sobre as letras de ouro, des-
seas versos seriam como pó da
terra estas minhas palavras ou
outras que se dissolvam.

Mario de Alencar, novelista — "O que tinha de ser"

Dois capítulos de

XI

— Sa Joana! O sa Joana! Vesperear não pode viver. Olha o leite para vómece. Beba, sa Joana. Foi seu Luiz que, quando vómece quer morrer, eu? —

E a sustinha, depois que Joana, vovoz, os olhos para ela e parecia estar a pular, despoilte nas mãos a fígula de leite, e apanhou-se para a porta do quarto, balançando a cabeça e falando consigo mesma.

— Gentel! Nunca vi sofrer como sa Joana, a morte de ninguém. Nem que fosse mãe da menina!

Tinhão já passado três dias depois do enterro de Clotilde. Joana vivia como um autômato, sem voz, a princípio sem conter, e ao por muita insistência de Luiz aceitara o leite que este lhe havia trazido na vespereira e dera ordem a cozinheira para levar quatro vezes por dia ao quarto de Clotilde, de onde a velha ama não se resolvia a sair. Bebido o leite, ela pousava a fígula no soalho e recitava no estado de absorção que indicava uma sonolência de todo o organismo.

Não dormia, entretanto. O espírito dela, alheado de todo o ambiente, fazia o giro constante em torno da sua dor, rumiando potentemente a saudade da sua criança. As lágrimas e os gemidos haviam cessado; agora era a amargura refletida e aninhada, e por isso mais tranquila, ainda que mais intensa.

No dia em que deixou essa atitude, o seu primeiro ato foi ir ao gabinete de Luiz. Açou-o imerso na sua pena, semelhante a que lhe observara da outra vez, quando enviara, mas não silenciosa nem resignada, porque ele não reprimia as queixas contra si mesmo e manifestava ter o desespero de um remorso tardio. Ao seu lado, Carlota dizia-lhe palavras de consolo, que ele não queria ouvir. Joana parou junto à porta, a olhar para os dois. Luiz viu-a, veio a ela e atirou-se-lhe nos braços soluçando. Enquanto o apertava ao peito, Joana reparou em que a senhora fazia um gesto de enfado, como que contrariada por aquela nova expansão de dor, que ela estivera procurando desvanecer.

A vida da casa voltou a normalidade. Luiz retomou o trabalho diário; e aos poucos, salvo o luto das vestes, a impressão era que haviam desaparecido ali os vestígios da visita da morte. Mas para Joana, sem nenhum encargo que a distraísse da sua tristeza, tudo era um deserto negro. Vivía dentro de si mesma, quase sem comunicação com os outros: algumas palavras para Luiz, breves respostas às perguntas dos criados, e a sua boca não se abria mais. Encerrava-se no quarto a maior parte das horas, ou saía à rua, buscando encher os olhos com o movimento da vida que a tirasse da sua solidão, quando ia rezar à igreja.

As vezes, ao sair da igreja, ia à quitanda de um africano que ela conhecia. Demorava-se no interior da loja em confabulação com o quitandeiro e a mulher deste, também africana do Congo, como ela; e eram as ocasiões em que lhe voltava alguma animação. Mas essas mesmas saídas à rua acabaram, e Joana retomou o ar de concentração dolorosa; posto que ao mesmo tempo passou a ser ativa no serviço da casa, ajudando espontaneamente as outras criadas, que aceitavam a sua colaboração e com frequência lhe deixavam satisfeitas toda a tarefa.

Uma tarde, Joana recostada à janella da cozinha, viu João e Emilia que brincavam no jardim. Ela aguçou sobre os meninos um olhar onde se refletia uma idéia repentina, mas

logo abandonou-o e disse com a voz melancólica e sumida:

— Esses não, não tem culpa; não fazem mal por querer.

A sua magua assumira uma feição de complacência, de bondade irradiante e de simpatia por todo o mal dos outros.

Quando, tempos depois, Carlota adoeceu e acabou, não foi Joana a menos prestimosa das criadas, não obstante a velhice que era estorvo natural aos serviços de que ela se incumbia sem mando de ninguém.

A enfermidade de Carlota apresentou de um dia para o outro sintomas muito graves: durante uma semana esteve a sua vida em risco iminente. Ninguém repousava, direito em casa; e a velha Joana surpreendia Luiz e todas pela infatigável atenção e presteza com que fazia ainda o seu ofício de enfermeira. Só ela não se deixava para dormir, e estava sempre alerta para ajudar os que se iam revezando na vigília.

Quando, na madrugada do décimo dia, a senhora expirou, Joana era a única pessoa ainda desperta. Estava sentada junto à porta, fora do quarto, onde era o seu posto. Como ouviu-se gemidos roucos de estertor e logo depois silêncio, espiou para dentro, com uma curiosidade inquieta, e sem ânimo de ver mais, foi levar a suspeita a Luiz. Esse cochilava na sala sobre uma cadeira, na qual poucos momentos antes deixara pender o corpo enfraquecido.

Foi violento o efeito da notícia sobre Luiz, a ponto que Joana recuou espantada, quase espavorida, para o deixar passar no impulso com que ele correu até à cama da morte. Viu-o debruçar-se sobre o corpo da mulher; apalpá-lo, beijá-lo o rosto, e gritar com angústia que fossem chamar o médico. Joana levou as mãos à cabeça, apertando-a num gesto de desespero, e enquanto a casa se alvoroçava, e despertavam os meninos em pranto, e os criados passavam a correr, ela foi se afastando com um ar de sonâmbula e recolheu-se ao seu quarto. Ali o longo esforço da vigília de tantos dias ceder à fadiga da natureza alquebrada. Afundou no sono como um corpo inerte; ao acordar, já noite, soube que tinha saído o enterro de manhã; dormira trinta e oito horas.

A casa estava num socego de modorra. Somente na cozinha os criados cochilavam. Indagou sobre Luiz: disseram-lhe que dormia. Foi até ao quarto dele, escutou à porta muito tempo; e em seguida guiou para o aposento dos meninos. Enlrou de manso, espreitando; acercou-se do leito de cada um deles e esteve a contemplá-los o sono inquieto. Custava-lhe afastar-se, mas ao mesmo tempo relutava contra a curiosidade que a atraía. Demorou-se mais junto à cama de Emilia, cuja respiração soava às vezes como um gemido; chegou a pensar que a menina chorava baixinho. Estava encoberta por um canto da cama, e parecia ter adoeceu sob uma impressão de medo e de abandono. Afinal Joana deixou o quarto, e repetiu o mesmo gesto de desespero que tivera, ante a angústia de Luiz. Sentia a garganta fechada e limpava com a mão as lágrimas que lhe turvavam os olhos.

XII

Em poucos dias Joana havia envelhecido de alguns anos. Encovaram-se-lhe os olhos; as rugas da pele estavam mais fundas, e a expressão do rosto emagrecido era de idênta amedrontada. Alimentava-se mal, dormia muito pouco; e a sós ou perto dos outros criados, estava sempre monofoneando em surdina. Tinha porventura uma idéia fixa, que a levava com intervalos curtos até o gabinete

de Luiz, aí parava à porta, espiava-o cautelosamente e como o achiava na mesma soubria concentração, abatia-se com a cabeça e retrocedia para o interior da casa.

Uma dessas vezes, noite alta, ela o achiou ainda acordado. Estava à mesa de trabalho, com a cabeça apoiada nas mãos. Cul-du-que-lá; entrou pé ante pé e viu que não havia livro sobre a mesa. Era a vigília do sofrimento.

Joana inclinou-se e beijou-lhe a cabeça.

— Nhô Luiz!

— Luiz voltou o rosto.

— Ah! é você, Joana! disse ele, e recuou na postura de abstração.

Joana ficou parada junto à mesa e agitava a cabeça numa inquietação de angústia. Repetiu:

— Nhô Luiz!

— Que é, Joana?

— Perdoa a Joana, nhô Luiz? Joana pensou que ia fazer bem a nhô Luiz... Não foi para fazer mal a ninguém. Joana foi sempre boa para todos. Mas viu nhô Luiz pensando tanto com a morte de nhônhã... e pensou que nhô Luiz por esse jeito não podia durar muito tempo... A culpada daquela morte de nhônhã tinha sido ela... Joana bem que tinha visto... Agora era a vez de nhô Luiz... E teve um sonho, em que apareceu nhô Clotilde com a sua nhônhã no colo... e parecia que pedia uma coisa, e os seus olhos estavam chorando de dor... que é que podia ser?... aqui na terra ela não tinha outra pessoa por quem chorar... senão nhô Luiz... Era por ele que nhô Clotilde pedia... Joana pensou muito... custou acreditar que pudesse fazer a vontade de nhô Clotilde... Mas continuou a ver nhô Luiz sofrendo, sofrendo... E Joana fez... não foi por querer mal... Depois de feito tudo... aconteceu o contrário do que Joana esperava. Nhô Luiz sofre mais ainda... E Joana está arrependida. Perdoa, nhô Luiz, Joana vai se entregar à polícia...

Ouvindo-a, a princípio, sem aplicada atenção, Luiz fora aos poucos se interessando pelas palavras da velha africana, nas quais não apreendia sentido ordenado.

Ocorreu-lhe a idéia de que ela tivesse enlouquecido por efeito do desgosto recente. Havia no que ela ia dizendo reflexos de uma preocupação de dor moral muito forte... E voltado de rosto para Joana acompanhava-lhe as modalidades da expressão fisionômica e as palavras desencontradas, meros ventos de um raciocínio apagado, como lhe anunciava aquele olhar inquieto, sem direção. E sentia muita pena e disse, falando a si mesmo:

— Clotilde de Joana! Era o que me faltava ainda sofrer. Está louca!

— Não, nhô Luiz! Joana não está louca; sabe o que está dizendo. Perdoa; a morte de nhônhã de Carlota... Foi Joana...

Luiz ergueu-se de um salto e com o corpo de encontro à janela da mesa, como que recusando da visão horrível personificada naquele corpo de negra octogenária, murmurou quase sem voz:

— Você! Você! Foi você que matou Carlota? É verdade? É verdade?

Joana ajoelhou-se e disse: — Perdoa! É verdade! Com veneno!...

É interrogado por Luiz narrou como havia envenenado Carlota, com o pó de umas herbas, que punha no leite que lhe levava e depois nos remédios, quando ia doente.

O horror da visão inacreditável transmutou-se num impulso de ódio!

Luiz avançou sobre ela, e espancou-a, pisou-a, rugindo entre dentes:

— Malvada! assassina! Eu te mato.

Joana recebia as arremetidas dele sem esquivar o corpo; ao contrário, oferecia-o às pancadas com o gozo de se sentir mal ferida e acabar ali a existência inútil e penada.

— Mata, nhô Luiz! Joana mereceu! Mata!

Mas a cólera dele desconcertava-lhe os movimentos, oprimia-lhe a respiração e desorientava os golpes, que o feriam também. Ao cabo de alguns minutos estava exaustão; e caiu em si; e surpreendeu a sua loucura.

— Não! disse ele. Vou levá-la à polícia.

E arrimou-se a uma cadeira, ofegante, alquebrado do profundo abalo moral. Esteve um momento a olhar aquele corpo pisado e prostrado; a contensão violenta dos nervos afrouxou, e toda a sua angústia rebentou em pranto.

Joana soergueu o tronco, e olhava compadecida o sofrimento de Luiz. Arrastou-se até a cadeira dele, abraçou-lhe os pés e disse:

— Acaba de matar Joana, mas perdoa, nhô Luiz! Perdoa para ela morrer aliviada. Joana merece a morte. Mas perdoa! Joana sofreu muito no mundo, depois da mãe dela, que ela não viu mais, quando a foram roubar lá no Congo. Joana quis bem a três pessoas nhô Clotilde, nhô Luiz e nhônhã. Nhô Clotilde morreu, e era só nhô Luiz e nhônhã. E foi nhô Luiz e casou-se, e Joana sentiu muita pena, quando viu gente nova no lugar da sua filha de leite, mas como era por vontade de nhô Luiz, Joana chegou a querer bem a senhora, e aos filhos dela. E tudo lá direito. Mas de repente tudo mudou: nhônhã começou a sofrer e a queixar-se... Ah! Nhô Luiz não via! Joana é que viu, porque nhônhã cantava tudo; até que veio a ida para o colégio. E aconteceu o que Joana dizia: nhônhã morreu. E como a culpada dessa morte era a senhora, Joana sentiu ódio. Joana quis também morrer. Pensou em nhô Luiz; viu a dor dele, e viu que a outra não sofria e até se aborrecia do sofrimento dele. E foi então que viu aquele sonho. Nhô Clotilde e nhônhã que lhe pediram por ele, Joana custou, mas estava certa que a senhora ia fazer mal a nhô Luiz; era a feiticeira que ia matar nhô Luiz. E Joana com o veneno que tinha arranjado para morrer, matou a senhora! Nhô Clotilde e nhônhã lá do céu viram tudo e elas sabem... Joana só queria fazer

bem... e fez mal. Perdoa, nhô Luiz! Perdoa! É acanha de matar Joana! Mas perdoa! —

A voz lhe ia faltando, de cansada e mal ferida. Calou-se e esperou.

Luiz tinha ainda o rosto tapado pelas mãos sobre o espaldar da cadeira. O pranto convulsivo cessara, deixando-lhe o coração aliviado; fora como uma descarga de tormenta que se destagou em bruscas batéguas de água no estio.

Foi-lhe serenando o espírito e as palavras de Joana, murmuradas com lentidão, penetravam-lhe o entendimento, como radiações de luz suave. Sentia a significação delas, uma por uma: eram o desdobramento daquela alma rude, mas lisa e pura, sem esconderijos, ignorante do artifício, formada para a escravidão do amor.

Não havia que replicar ao que ela dizia: era tudo verdade. E atendendo às suas palavras, Luiz ia ao mesmo tempo ouvindo a voz interior da memória, que lhe narrava todo o passado de Joana, feito de dedicação absoluta às três criaturas que ela amara na sua vida, isenta de egoísmo, abnegada até à cegueira do raciocínio. Efectivamente o mal que ela havia feito fora só para lhe fazer bem a ele. Era por amá-lo acima de todos que ela se tinha feito má; pela mesma razão ela era capaz de matar-se.

E ali estava agora a sua pé, espancada brutalmente, mas ainda humilde no sofrimento, e da sua boca não saía uma queixa; sob a ameaça de morrer, não lhe acordara o instinto da defesa; a sua única idéia era ainda ele, a sua súplica era o perdão de o haver feito sofrer.

Voltou os olhos para ela e viu como a tinha maltratado. Abaixou-se, ajoelhou junto ao seu corpo, tomou-lhe a cabeça e disse:

— Joana! Eu é que lhe peço perdão do que fiz a você. Foi um desvario! Minha pobre Joana! Eu não pensei, eu não vi o que estava fazendo!... A primeira impressão foi horrível, e perdi a cabeça! Mas olha! tudo passou! Joana!

Ele abriu os olhos para ele; os seus lábios disseram:

— Nhô Luiz!

— Diga que me perdoa, Joana! Agora não se fala mais nisso; ouviu? nunca, nunca mais. Você não foi culpada, não; você foi o instrumento do meu destino... Ninguém foi culpado; nem Carlota também, ouviu? ela não foi culpada da morte de Clotilde... Não!... Eu tinha de ser infeliz... Tudo o que aconteceu é o que tinha de ser.

Um turrão na Academia —

Goulart de Andrade

Vai-se vendo agora a falta que faz um turrão na Academia, tanto mais agastado nos debates quanto mais zeloso pelo bom nome do Instituto. Na última vez que lá esteve, parecia que o silêncio cênico dos lutos caía sobre aquele ambiente luminoso do Petit-Trianon com um pesado véu de crepe, escrevi mesmo parecia, porque, de fato, tive a impressão material de que a luz não entrava a jorros, franca, e alacre, senão torva, fraca, vagarosa. Pelo menos assim a sentiram meus olhos e meu coração dorido.

Partiu-se primeiro, Alberto de Faria, o agitador dos casos difíceis e personalíssimos; e logo depois, Mário de Alencar, o ardoroso e pugnaz proponente de medidas gerais para segurança das decisões, e porque era um tímido, tão ousadas e severas, as mais das vezes, no fundo como rudes e agressivas eram as palavras daquele ou-

tro grande espírito combativo na enunciação dos seus pensamentos. E' que ninguém mais desconhece hoje quão descompassada se mostra, por fatalidade intrínseca, a atuação dos tímidos, sempre fora de medida e termo: ora demasiadamente encolhidos, ora desproporcionais em excesso, porque, em verdade, tais indivíduos não podem mener o freio do próprio temperamento e acabam por se isolar, magoados com as reacções que provocam, com julgá-las sempre violentas e desconfortáveis, precisamente porque não sabem avaliar com justeza o vigor dos golpes que eles mesmos desferiram.

A ambos esses companheiros procurei servir de um fim desta jornada terrena, até mesmo por uma espécie de triste vaticínio, prestando-me a ilustrar, com citações, as conferências de um, e a divulgar os veros de outro nas sessões públicas. E

OS SINOS — EDGAR POE

I

Ouve os trenós com seus sinos
Pequenos,
Argentinos!
Oh! que mundo de alegria que o som deles preludia!
Como tintinam, tintinam,
No ar da noite, frio e fino!
Quando os astros que foscim
Pelos céus, como que piscam
Com deleite cristalino;
E o tempo, o tempo afinam,
Numa espécie de Rúnica rima,
Pelo tintinabulação tão musical que anima
Esses sinos pequeninos,
Dlin, dlin, dlin,
Sinos, sinos argentinos,
Pelo tlinque-tlinque, clineque, clineque, guizalhados

[pelos sinos. Que mundos de solenes pensamentos acorda em nós o
[monótono som:

II

Ouve os nupciais, melódicos sinos,
Aureos sinos!
Oh! a sua harmonia que mundo ditoso anuncia!
No ar da noite embalsamada
Como eles cantam seu contentamento!
Das fundidas notas de ouro acenta,
Concertado,
Canção líquida flutua
Até a rola que escuta e gluglua
A lua,
Oh! das celas ressonantes
Que jorros de eufonia emanam, abundantes!
Como ela se amplia,
Como ela confia
No porvir! como fala
De um arruobo que, alheio aos destinos,
Balança, badala,
Agitando, oscilando,
Os sinos, os sinos, os sinos,
Blengo-blengo, blengo, bleem,
No canto contente e fremente dos sinos,
No bimbalar e repicar dos sinos!

III

Ouve o alto alarma dos sinos,
Brônzeos sinos!
Que bizarra história de terror que narra a sua turbulência!
No ar da noite estorrecido,
Como eles berrom, como clamam seu terror!
E' demais o horror,
Para que eles falem
Só nos guinchos, nos gritos que estoalem,
Em tom solto, indefinido,
Podem eles clamar seu apelo à clemência
Do fogo, do fogo,
Seu insano rogo.
Ao raivoso e surdo fogo que alça e laboreia em salto
Cada vez mais alto, cada vez mais alto,
Com desejo louco e bruto
Do esforço resoluto
De agora ou nunca ver-se posto
Junto à lua de pálida rosto.
Oh! os sinos, sinos, sinos,
Que expressão de pavor a que avertam
E de desesperação!
Como clamam, clangoram, lamentam
Quanto horror transvasando eles vão
Sobre o colo da noite ofegante!
E indo o ouvido sabe bem

Pelo repique,
Pelo choque instantâneo
O que ele indague
Se o perigo foi, ou vem;
E indo o ouvido bem distingue
Nos retintinos,
Nos estalos,
Nos badalos,
Quando o perigo recresce ou se extingue:
Pelo raiva que entumece ou que amortece a voz dos sinos,
Dos sinos, dos sinos, dos sinos,
Blem-bem, blem-bem, blem-bem,
Dos sinos, dos sinos
Pelo clamor, pelo clangor, pelo estridor dos sinos!

IV

Ouve o dobre dos sinos
Férreos sinos!
[pelos sinos. Que mundos de solenes pensamentos acorda em nós o
[monótono som:
No ar da noite silente
Como o gente
Tem e treme
E se espanto
A melancólica ameaça de seu tom!
Fois toda a voz que deles sai e ondula
Da ferrugem da garganta
E' voz que geme
E ulula
E os sineiros — oh! os sineiros! —
Esses que há nos campanários,
Solitários,
Que se dão anos inteiros
A tanger, tanger, tanger,
O abafado, monótono dobre,
Acham glória e tem prazer
Em rolarem assim uma pedra por sobre
O humano coração.
Não são nem mulher nem homem —
Nem por gente ou bruto os tomem —
Que duendes são.
E o rei deles é quem tange,
E' quem tange, tange, tange,
Em tom que plange
O poema dos sinos.
E o peito dele se amplia
De alegria
E ele uiva e ele dansa,
Nem se cansa.
Concertando tempo e passo
Por um Rúnico compasso
Ao poema dos sinos,
Dos sinos.
Concertando tempo e passo
Por um Rúnico compasso
Ao soluço dos sinos,
Dos sinos, dos sinos,
Ao gemer longo dos sinos,
Por um Rúnico compasso
Ao baa-baa, baa-baa dos sinos,
Dos sinos, dos sinos,
Ao dobrar, dobrar dos sinos,
Baa-baa, baa-baa,
Baa-baa, baa,
Baa-baa-baa, baa-baa-baa,
Dos sinos que veem e vão,
Ao gemido incontinido, vertido, caído dos sinos,
Baa, baa, baa.

MÁRIO DE ALENCAR

SAUDADE DE MÁRIO DE ALENCAR

(Continuação da página 26)

surpresa e ao brusco levantamento das ondas, sabe dos crepúsculos em alto mar, conhece os lúas de uma dúvida irreal da esperança, os nevoeiros na clama, e a tenebrosa noite das tormentas fatídicas, cortada de horrores, fustigada de assombros, sonda algumas vezes o medo se faz coragem, ou paralisia suble as energias, ao toque fúnebre dos sinos, ao grito rouco das sireas... Que estava adiante? Que iremos encontrar? O marinheiro mal vê os dias bons... vive a soletrar o mistério na face dos céus... a beleza de hoje pode trazer no airo a desgraça de amanhã.

E como é assim em todos os mares — todos eles são banhados de sol e tem noite sem estrelas, encantos e pesadelos, embebedas e correntes irresistíveis, quem adestrado neste irreal mal experiente naquele.

Assim Mário de Alencar sabe ver. Descobre o espírito do homem, a sua estética mais íntima, livra-a das circunstâncias, dos imperativos climatéricos, pedagógicos (como diria Lafargue), e mostra o ser místico do homem que estudou.

Tudo isto viu cristalizando hoje, depois que o deixou, após um longo passeio, da Câmara ao Flamengo, costeando o cenário grandioso da Guanabara. Quando dois homens falam, expressa-se a dor eterna contida neles. Falamos do que iremos, dissemos quase sempre e evitamos julgar. Não valeria a pena. Vale mais o alívio.

UM ARTISTA SENSÍVEL E PURO

(Continuação da página 26)

de Assis um encanto particular e a frescura intuitiva. São páginas de encantamento, sensibilizadas até o extremo musical. A inspiração é imponente e fácil, como uma corrente de água. A densidade do seu estilo é toda espiritual e a interioridade o seu elemento de expressão. A sua composição lembra-me uma página musical de Schumann: poética, afetiva e profunda.

A obra publicada de Mário de Alencar é pequena, mas há uma novidade de consciência estética que a recomenda aos iniciados das letras.

Na nota uma expressão rara de gosto literário, de finura de intuição, de cultura de alma, de amor sensível e de poesia espontânea.

E' feita de equilíbrio e serenidade. A linha grega que vem de Machado de Assis teve em Mário de Alencar uma expressão nova. Tinha arte própria. Foi um artista sensível e puro. Rio, Dezembro, 1925.

ria de se ver como nesses dias ele se deixava ficar, lá, na última cadeira da última fila, no fundo da sala, perdido entre os ovintes, por trás de todos, talvez assustado com o som da voz estranha que lhe modulava os ritmos ferindo nas tónicas que ele ordenava em combinações musicais, receloso anhelante como alguém que de improviso visse devassado o seu feroz e reatado pudor por uma turba alvarelha e bulhosa.

Lembra-me como depois do êxito estrondoso que alcançou a obra prima da sua tradução dos "Sinos", de Edgar Poe, ele me veio abraçar. Não, não era abraço vulgar de agradecimento por uma fineza comestível, ermi-o bem; era assim como um preito de devoção, somente porque amei aquelas alabas, fazendo-as ressoar como badaladas diante de um auditório embevecido no rescatar todas as vibrações, todos os repiques, todos os rebates, todos os dobles, cotidos maravilhosamente pelo seu engenho de artista concien-

te, de modo a tornar essa vez-

ção muito mais opulenta de felizes onomatopéias do que o próprio original, tão propontadamente cheios desses defeitos de sonoridade.

Não tenhamos dúvida, porém, a cerca do julgamento postumo de tão fino espírito: O criador da "Tia Lulú", esse pobre lirio humano, que emurcheceu, "trazendo em si mesmo o gosto do sofrimento por ter falhado ao exercício do que havia de mais puro, e era o bem de amar e ser amada, de ser mulher e mãe

"não ficará, absolutamente, esquecido. O quilate de sua produção há de exigir novo contraste, que será feito, pouco a pouco, com escrupulo e justiça.

Em certa ocasião escrevi dele: "Sem dúvida Mário de Alencar vê os homens com desencanto: mas parece-me que o seu sentimento relativamente aos outros, como ele, suspensos de desinteresse e do altruísmo, é assim como um travo de vingança contra os que não acreditam na bondade...

Paradoxo? Seja. O certo é que

o seu amor desviado para os pássaros e as borboletas, não excluiu a piedade e a ternura para com os atormentados seres da nossa espécie, apesar de tudo.

E' amor e grande amor o sentimento com que tratou das crianças, que ainda tão inocentes já sabem maltratar o coração que a elas se dá todo e que por elas todo se enforça.

Psicólogo dos males sutis, Mário de Alencar não acreditou, ou fingiu não crer na ciência do conhecimento das almas, porque — ele o disse — "não há caracteres fixos nem distintos e o que chamamos observação é coisa ilusória, pois ninguém discreta este objeto complicado, que é a vida íntima dos homens. Os que fazem psicologia não partem da análise é mentirosa ou impossível".

E para justificar tais conceitos escreveu aquele conto, em que a morte revela a hipocrisia e a hediondez, como remate de certa existência ostentada cuidadosamente limpa.

Não, querido Mário, não de-

vias ter isso como regra, porquanto ainda que haja criaturas recolhidas num recato inaccessível, como tu, olhares de psicólogos deveu aquele conto, em que a morte revela verdadeiros sentimentos por detrás das aparências hostis de despeito orgulho.

No conto que escreveste, "Coração velho", chego a lobrigar muito e muito da tua alma.

Doce amigo, de suave gesto e palavra mansa, outros que não eu, duvidassem do resultado de tantos golpes vibrados na tua melindrosa sensibilidade!

A minha voz de animação e o calor das minhas expansões não passavam, sabe-o agora, de rebucado propósito de consolo e encorajamento, porque eu bem te adivinhava próximo do fim. Eras para os demais como o vaso de cristal que não deixa ver através dos sulcos e matizes do seu labor e fratura que o abarca todo. E não sei porque conseguí descobrir esta oculta ferida.

E' que sofrias no silêncio e na tristeza o drama cruel da du-

vida sobre a tua própria individualidade. Descansa, porém, que ela foi nobre, e de execução.

Outras: há muito mais infelizes, que escondem a sua medonha tragédia na balbárdia da vida tumultuosa, e esses são infinitamente mais lamentáveis, porque não dirigem as suas ações, nem podem mais retrair-se para chorarem sozinho, na escuridão, arrastados como folhas pelas rajadas, pobres criaturas de dupla personalidade, que fazem existência de animadores saudáveis de energias e vontades, quando são, de fato, os mais frágeis, desalentados e infelizes de todos os seres, espiados, zurrados, infamados e deserdos, pela sua focalização permanente, e tanta vez compulsória e indelével.

Esses, batidos por todos os golpes, fazem o papel da palha, que se é verdade flutua nas crietas das ondas encapela-das, não irá senão ao sabor das correntes e das ventanias, sem resistência possível e sem poder flutuar, esmagando-se na brutalidade do esmagamento.

Um inédito de Mario de Alencar

Mamãe

(PÁGINA DA MINHA VIDA)

A infância feliz é naturalmente descurada, e não deixa à memória mais que a impressão difusa de um ambiente luminoso. Antes dos meus seis anos de idade, quase não me lembro do que fiz, nem do que vi, nem do que fui; lembro-me só de que vivi contente e de que o mundo era uma interminável manhã de sol. E como tudo estava envolto em luz, e não subiam sombras, não havia ocasião para os meus olhos de mesmo fixarem o contorno e o relevo das imagens. Se eu tivesse morrido naquele tempo, não teria levado em mim a imagem definida de ninguém; o que até então supunha que a memória dos meus olhos era pequena para abarcar totalmente a irradiação da meiguice e calor suave em que eu vivia perdurava maior do que a menberça a imagem viva debruçada sobre ele. Meu espírito passava acalentado, na constante notação de carícia e proteção que vinha dele: — e meus sentidos, adivinhando a sua presença, não precisavam analisar-lhe as feições para distingui-la e guardá-la em mim. Eu era inconsciente como as crianças felizes, e Mamãe era também feliz. Foi a sua dor que me despertou a consciência da sua figura. Tinha eu quase seis anos, em dezembro de 1877. À hora do almoço, mal acabava de nos fazer sentar à mesa, a mãe, a Babi e a Adélia, voltou Coleta, nossa ama seca, com um ar estranho, a dizer-nos que fôssemos beijar papai. Subimos para o quarto dele. Não reparei nas velas, nem nos outros sinais de morte. Entrei com timidez, notando as atitudes e a presença de outra gente; espantei-me de achar papai com os olhos fechados e imóvel; e supunha que ao beijá-lo só choraria porque havia quem chorasse. Não compreendia nada, ou compreendia mal. Não sei se ouvi dizer que ele estava morto; se o disseram, não o entendi, porque não sabia o que era morrer. Comecei a pressenti-lo quando fui guiado para onde ouvia a voz de mamãe.

Estava atirada sobre um colchão; a sua voz eram gemidos e gritos, e todo o seu corpo sacudia-se numa agitação convulsiva, arranjando-se e erguendo-se. Sentí que ela sofria muito, e compreendi que havia acontecido alguma coisa a papai; e entrei a chorar abraçada com mamãe.

Não me recordo de mais nada do que houve nesses primeiros dias de luto. Mais tarde é que li a notícia sobre a morte do sétimo dia. Mamãe fora à igreja levar-nos a todos, seus seis filhos orfãos. Augusto tinha doze anos, Lili onze, Clarice nove, Babi sete e Adélia quatro. No momento de entrar-se a liberar-me, mamãe teve um ataque, e foi carregada sem sentidos. Pelo que vi em tantos anos em que admirei a sua força de concentração no sofrimento, de corpo ou de espírito, posso imaginar como foi intensa aquela dor, que se abriu à face de estranhos.

"Senhores:

A morte de Mário de Alencar foi-me grande surpresa para o coração! Amava-o com intimidade e respeito e escolhi-o para o número restrito dos meus grandes amigos e ele o era pelas frequentes provas de afeto que me distribuía em todos os atos e tranças da vida. Sabia ser amigo, porque cultivava jardim florido e sobrio dos íntimos com a mesma doçura e igualdade e defendia-os com paixão e fervor como se se tratasse de causa própria. Para os irmãos de alma, companheiros de cruzadas literárias e discípulos, irradiava simpatia e sinceridade que lhe fazia ganhar confiança em atos e palavras. O principal segredo estava-lhe na beleza moral, que todos conheciam.

As lágrimas vinham-se aos olhos e úmideciam-me o coração, quando nele pensava e ainda hoje a sua memória vive dentro de mim como qualquer coisa de sutil e exemplar, pois o queria muito, com todas as forças do amigo que cultivava a gratidão e do homem que venera outro homem.

A intimidade, às vezes, diminuiu o feticheismo que cerca a aureola dos grandes vultos: o convívio que me ligava a Mário aumentava-me o respeito e a admiração pelo seu caráter e sua inteligência, em cristalização atêndiana; vivia e vivo dentro de mim tão cheio de personalidade que pude perceber gravadas dentro do meu peito a efígie serena e a figura moral dele.

Pobre Mário! Puro como poucos, fino, iluminado, eutímico, honesto e leal. Bom, realmente bom na absoluta valorização do termo, sem a fórmula panegírica, sem o exagero apologético que se votam aos fundos.

Pobre Mário! Morreu sem ter encontrado na vida, afóra a doçura do lar e o consolo das amizades, as compensações que lhe mereciam o talento, a erudição, a formosa atenção da alma e a fidelidade das atitudes e ações.

Vivir sem poder ver-vos! Sim! A ferida aberta em todos, nos seus de sangue, nos amigos, árcades, nos que lhe receberam as demonstrações do cristal do caráter, as cintilações brandas do talento e a cordura dos afetos!

E, aqui senhores, vou a verdade que me aflora aos lábios com angústia, porque a sinto espontânea e impulsiva, a guiar-me a palavra e a definir-me a ideação.

Nos primeiros instantes me não encorajei a exprimir a saudade que me estontentou, pelo desaparecimento eterno do irmão. Julguei-me sempre membro de sua família, tal o encanto, a alegria com que lhe entrava na casa, beijava a mão da esposa, brincava com os filhos como se fossem sobrinhos, parentes próximos, cordiais afinidades impregnadas da mesma matéria familiar. Senhores!

Mário mostrava-se sempre o cultor, carinhos da verdade, metódico e elegante. Tudo lhe saía bem da pena ou da ação. Minucioso nos atos, era-o também na cultura da beleza. A capacidade estética que lhe dominava o espírito fez-o senhor de um tesouro inesgotável. Manuseador de clássicos gregos e latinos, lia-os nos próprios textos originais e deletreava a arte como "virtuoso" cheio de espontaneidade, mansamente, suavemente, mas sempre com segurança e perfeição. Shakespeare era-lhe familiar, porque, conhecedor profundo do inglês, bebia na fonte original as delicadezas psicológicas do gênio que jogou com o maior número de vocábulos e que analisou o maior número de almas.

A solidez dos seus conhecimentos humanísticos tornava-o simplíssimo na arte de escrever, paradoxo aparente, pois, em geral, os escritores procuram vasar em seus trabalhos a erudição que lhes faz cocegas no crânio.

Embebia-se sempre na lição dos clássicos, seus companheiros preferidos e mestres silenciosos que não abandonava, nos momentos de repouso, na ocasião de deitar-se, no leito, lugar predileto para as suas meditações e leituras. No dia sinistro da morte tinha nas mãos Protágoras, de Platão e havia anotado no texto helênico, a página 316, o ponto referente aos sofistas.

Mário foi um grande brasileiro, ignorado de muitos, como os belos e ricos garimpos que dormem no álveo dos rios pouco explorados e nos cascalhos sertanejos.

A organização do seu espírito era clara e perfeita, com a mesma harmonia arquitetônica dos tempos da Hélade criadora. Não havia colunas, zimbórios e adornos que não fossem construídos com sobriedade, graça e precisão de arte.

A pena de Mário era um pouco preguiçosa por causa de sua feição de enfermo. Os desânimos, as dúvidas, as preocupações emperravam-lhe as entrosagens da ideação. Quando porém se dispunha a trabalhar, a escrever, com a pena de gonoso que usava, as idéias vinham-lhe facetas, corretas, claras, sonoras, em declive suave e natural sem grandes marulhos, mas cheias de delicadezas literárias, e a pena deslizava pelo papel em trinado pipante e a escrita saía-lhe da mão em caracteres miúdos sem quase correção, cheia de frases e conceitos dignos dos grandes escritores contemporâneos.

O seu lavor intelectual havia de ser feito em silêncio. Em casa mudava sempre de lugar para escrever porque o barulho lhe perturbava as horas de meditação, como acontecia a esse maravilhoso Marcel Proust. Os vizinhos constituíam-lhe a grande tortura para a construção de suas obras, sobretudo pelo vazio irritante que tanto o atormentava e o predispunha ao mau humor. Onde se sentia bem, era fora do rumor da cidade, nos rincões silenciosos da incomparável Terézópolis ou da doce Tijuca, em que se extasiava, sentia ânimos inéditos para a produção literária que lhe sorria inspiradoramente. Naquela cidade serrana, escreveu grande parte dos "Contos e Impressões", jóia preciosíssima, onde se nos deparam as "Núpcias de Vagalume", páginas de grande mestre, de perfeito estilista, cheia da luz alvarelhada da paisagem noturna daquela região.

Ele próprio não lhe conta em carta a um amigo, as dificuldades, as preferências e o método de trabalho, na sua residência colareira da rua Marquês de Olinda, onde longamente habitou. "Para escrevê-las (as referidas cartas) fora preciso levantar-me de madrugada, antes do sol, o que é difícil, quase impossível, para quem vai deitar-se exausto e não concilia o sono senão às duas horas da manhã. A esta hora a temperatura é mais que morna e com pouco será de suador. O resto do dia fico inutilizado: bate-me o sol pelo gabinete e dentro e eu perambulando pela casa à busca de um recanto onde corra viração. Levo um livro à mão; ponho-lhe os olhos um momento, mas as pálpebras descaem. Procuro outro lugar de sombra com o mesmo desprovelto e assim correm as horas. A noite depois do jantar poderia ler alguma coisa, mas a lâmpada elétrica esquenta-me o rosto, sinto o suor que me escorre da testa e pelo peito. Desistindo totalmente do verão, depois que passei dois anos em Te-

rezópolis a minha expectativa é do ócio inevitável e depauperamento físico. Levanto-me cansado e moleto e no correr do dia, na cidade, aonde vou às terças, quintas e sábados, sinto o mal-estar de exaustão e às vezes o estado de fobia vaga. Entretanto, havia feito um risonho projeto de trabalho, composição e leitura para este ano".

E adiante:

"Não fosse a minha sensibilidade, eu realizaria em espírito a condição de Diógenes, ou do caramujo que é irmão dele no mundo.

A minha filosofia triste, da inanidade das coisas, não consente a providência das formigas".

Mário era mais ou menos como se descreveu nessa época. O que lhe saía do escriptorio era remorado e perfeito, mas tudo o preocupava muito como se os embaraços se lhe multiplicassem nas passagens pelo mundo, que lhe dava a impressão de um cipal agreste.

O nosso saudoso companheiro havia gosto especial para reunir, catalogar, preparar e ordenar trabalhos de outrem. Talvez lhe viesse a tendência pelo lugar que exercia na Biblioteca da Câmara dos Deputados. Possuía mesmo um método pessoal de catalogações, decimais, aplaudido dos técnicos. O cuidado, com que fez a reunião dos livros do seu querido amigo Alberto de Faria, denunciava-lhe a beneditina paciência. Preparava tudo por amor ao lustrar morto, mas também pela meticulosidade de José de Alencar, para as quais preparou edição definitiva. Pai e filho completavam-se espiritualmente. Para prefeciar os inéditos do seu genitor escreveu sentido prólogo do qual não posso deixar de transcrever esta piedosa confissão:

"E foram meu maior tesouro. Guardai-as como um avarento às suas melhores gemas; apraxia-me em revê-las e retê-las e nunca me fartei de admirar a riqueza daquele grande espírito, revelada em tanto trabalho de diverso assunto e quase que simultâneo, tão pouco foram os anos de sua vida relativamente à quantidade de obras acabadas ou iniciadas, ou projetadas, na ficção, na poesia, no teatro, no jornalismo, na crítica, na poética, na administração, na doutrinação política e jurídica, no parlamento e no fóro. Além do que há publicado e basta para firmar o seu nome entre os primeiros do Brasil, ficava ainda nestes manuscritos a multiplicidade dos esforços de um engenheiro imaginoso e austero que sabia equilibrar-se entre os sonhos de poeta puro e a reflexão do homem prático, servir extremoso de sua pátria".

A admiração que Mário mostrou pelos dois grandes brasileiros José de Alencar e Machado de Assis, a ambos ligado pela inteligência e pelo amor talvez dele tímido e místico, místico pela submissão quase religiosa às duas personalidades, tímido porque via nos dois vultos a perfeição intelectual que ele ferventemente ambicionava. Os dois espíritos tão diferentes e tão opostos nos aspectos psicológicos, na elucubração literária, no feltro, na imaginação, nas vidas nos conceitos e na linguagem encontraram em o nosso querido confrade a justa alimbo, que se compreende pelos liames do afeto filial aos dois incomparáveis escritores. As duas inteligências mostraram-se tão diversas e tão juntas, porque ambas foram criadoras e porque tiveram dentro do peito de Mário de Alencar, um altar iluminado por duas lâmpadas e para os quais elevava sempre preces unidas da mesma saudade, no ritual de idêntica admiração. Apesar do longo convívio com Machado de Assis, e o quase desconhecimento de José de Alencar, os dois viviam-lhe dentro do afeto e da memória, como se constituíssem a mesma personalidade intelectual.

Longe estou, senhores, de fazer-lhe a crítica da alma finíssima. Quero porém expressar diante de vós o meu voto, que não é singular, o contrário, pois está no sentir de todos vós, de ser Mário de Alencar, um dos mais puros estilistas contemporâneos da língua portuguesa. A sua prosa é bela e elegante, os vocábulos são postos sob a harmonia e o ritmo severo dos escritores de lei; os versos são singelos e sentidos, cheios de alma, sem exageros, nem estranhezas literárias. Sobrio em metáforas, inimigo da ênfase e dos verbos inutilizados, quase jamais por ele escolhidos, Mário fez da arte gozo e dever porque lhe eram correntes e fluídos — dulcíssimos! o verso e a prosa.

Mostrava-se sempre infenso aos artifícios e à filiação em escolas literárias, e às suas produções possuíam dois caracteres típicos: a naturalidade e a elegância. O seu estilo não contém otipos, preocupações gramaticais adrede estudadas, erudição da última hora, bebida em enciclopédias e dicionários; não se torturava, não se mascarava, e surgia sempre claro, muito harmonioso e escoreito à maneira de Renan, Anatole France, Pierre Loti, Barrés, Frei Luiz de Souza ou Machado de Assis.

Plutarco comparando Demócrito a Cícero, diz daquele que o "estilo lhe oferece a imagem do caráter, afastado de toda afecção ou gracoço, e é tecido com veemência e cuidado". Se o estilo é o próprio homem, no aforismo de Buffon, em Mário isto se adivinhava pela fidelidade do trato e bazarria de maneira. Delgado, sóbrio, minucioso e correto, honesto e nervoso, tais qualificativos que lhe eram pessoais poderiam saber-lhe no estilo. Os pequenos tiques que possuía, surgiam-lhe nos trabalhos como pequenas cintilações.

As suas vestes eram discretas; seu porte na vida, singelo e efetuado, seus repastos frugais, suas notas particulares eram escritas em pequenos fragmentos de papel, feitas a lapis, com letra muito ligeira e miúda; a personalidade denunciava-se-lhe uniforme e harmoniosa.

Nas obras de ficção, Mário procurava sempre ser simples, natural e exato. Quando as compunha, lia primeiramente à família para que se notassem a naturalidade nos caracteres, a fluidez da descrição, a vida das personagens, enfim, a veracidade do ambiente e a animação dos tipos, evocados ou descritos.

A "Tia Luli" é pessoa conhecida de muita gente, tais os traços vivos que o contista põe no debuco da narrativa, "e a pobre senhora trazia em si mesma o gosto do sofrimento, por ter falhado no exercício de que havia de mais puro, e era o bem de amar e ser amada, de ser mulher e mãe".

Em a novela "O que tinha de ser..." Joana viveu também nos tradicionais lares brasileiros, porque quase todos a reconhecem na própria casa, a entrometer-se suavemente na vida de família, infiltrada de submissão, cheia de carinhos para a pobre orfã, com o feticheismo amoroso de certas mucamas, tal qualmente vemos naquela Bã, do "Inverno em Flor" do nosso glorioso romancista Coelho Neto.

Reputo o livro "Contos e Impressões" um dos mais bem es-

Alencar — Antonio Austregesilo (da Academia Brasileira)

críticos da nossa língua, em que se nos deparam belezas de estilo incomparáveis e correção de linguagem dignas dos grandes mestres. "Histórias" e "Manhãs e Noites da Serra" resumam as doçuras de Teresópolis na pujança de verdores e nas dias penosos de chuvas constantes. Porém, onde o autor pôs toda a elegância da escrita foi nas "Nupcias de Vagalumes", páginas tocantes de graça e precisão, à Maeterlinck, nas quais tudo é verdade e encanto e onde surpreendemos no final, a invocação à Natureza, delicada e mística, bordada de ceticismo que era de Mario feição e pendor.

O poeta tinha encantos singelos, porém, às vezes requintados. Não revelava a inspiração de Bilac, Raimundo Corrêa e Vicente de Carvalho, porém tangia a lira com espontaneidade e ousadia.

Os seus versos denunciam certas singularidades que lhe davam caráter, ritmo e sonoridade só encontráveis em cantores amestrados.

Pego-vos, senhores, para lembrar-vos a bela tradução de "Os Sinos" de Edgar Poe, tão perfeita quanto a do "Corvo", quase criada pelo seu mestre. Alberto de Oliveira disse que esta tradução foi obra nova de Machado de Assis, porque nela existe a revelação do poeta criador.

"Os Sinos" podem merecer o mesmo conceito, porque as dificuldades talvez sejam maiores por serem trasladadas onomatopéias do inglês para a nossa língua. Pego ao eminente amigo Goulart de Andrade que vos repita alguns destes maravilhosos versos.

O sentimento constituía uma das características da poesia do nosso amado companheiro. Daí, mais uma vez permissão de ler estes versos que são cheios de saudade, de amor filial e realmente lindos...

A MAMAE ENFERMA

(No dia dos seus anos)

Junto a teu leito de doente,
Mãe, noite e dia,
O amor dos teus filhos vigia
Piedosamente.

Ao coração que lhes formava
com teu amor,
Não há cuidado algum que o afaste
Da tua dor.

Memo a teu filho era distante,
Transpõe o espaço
Com a alma e debruça ao teu regaço,
Aflição e instante.

O nosso mundo está restrito
Ao leito teu,
Que é o finito e o infinito,
A terra, e o céu.

O céu ouviu as nossas preces,
E revivemos
A alma entre sonhos, porque vemos
Que convalescemos.

E toda a tua mão nos abençoa
E nos sorri,
E o hino nos ouves que hoje entoas,
A alma feliz.

Mãe, por ninguém nunca excedida
No amor materno
Deras por nós ao mesmo inferno,
A própria vida.

Mãe, entre as santas todas santa,
A adoração
Dos filhos teus a ti levanta
O coração.

E nos céus a prece agradecida
Porque mantemos
Tua vida que é o nosso bem,
A nossa vida.

9-12-912

Análises ainda o homem íntimo: O aspeto físico de Mário era um pouco modesto. Magro, tardio nos modos, de fisionomia pallida, e juvenil, sabia atrair, pela simpatia natural que dele irradiava.

Amantíssimo da família, que era numerosa, cumprindo severo dos deveres, com ser pobre, lutava com a sorte que lhe fora pouco sorridente.

De natural melancólico, tímido e retraído, descrente nos esforços, escrupuloso de índole, lutou contra os eventos da existência material e contra os desequilíbrios da saúde que lhe punham na vida e na alma amarguras e ceticismos. Senhor de grande coração, extremava-se nos cuidados da família e ninguém lhe podia adoececer em casa sem que prestasse solícitos carinhos, como enfermeiro metódico, a dar injeções, a pensar no regime, a verificar as horas do remédio, a preocupar-se desmoldadamente com os sucessos da enfermidade alheia. Por tudo se torturava o nosso aristocrático companheiro e arrastava um manto de sofreres nervosos que o tornavam desanimado para os acontecimentos da vida.

Como lhe fotografavam bem a alma esta poesia "Tédio" em que alguns versos resumem o sentido da sensibilidade doentia:

Se o tédio o enfiar me invade
E anula com vã vaidade
Da minha mente: a alma alegre
Da multidão que se estende
No farto gozo de viver
Da-me o desio de não ser".

E adiante:

E os meus sombrios pensamentos
Me vão guiando os passos lentos
Para a cidade eterna onde existe
A multidão infinita e triste
Que dorme um sono grande e só
Entre as pedras, pó no pó...

Lago a nudez do cemitério,
Na sua sombra do mistério
Surpreta em mim melancolia,
Que traz o sonho e a poesia
E a alma povoa de visões
E afeitos ritmos de canções.

Felizes parecer-se-iam que os tons da sua mentalidade delicada e perfeita se modificavam pelos vai-vens dos sintomas do nervosismo, ou pela aritmia do seu humor.

(Discurso pronunciado na Academia Brasileira, por ocasião da morte de Mário de Alencar).

UM CORAÇÃO, FLOR DE TERNURA — PLÍNIO BARRETO

Não se encerrou o ano sem que mais um golpe rude me apanhasse em pleno coração. Ontem, era Francisco Escobar que se ia; logo depois era um pedaço de mim mesmo que se imobilizava na morte; a seguir, desaparecia Jacomino. Define, acompanhado, a breve espaço, de Alberto Faria, hoje é Mário de Alencar que se despede...

Amigos, dos melhores dos mais fiéis, dos mais dedicados, numa quadra em que a amizade se deprecia, como todos os grandes valores morais, levamos, assim, o destino cruel, de roldão, numa investida brusca, fazendo-me pagar caro a felicidade de havê-lo possuído.

Digam outros da distinção intelectual de Mário de Alencar, da sobria elegância do seu estilo, do equilíbrio luminoso de seu pensamento, da acuidade de claridade, da sua visão psicológica. Eu, por mim, direi apenas da esquisita sensibilidade da sua alma, da bondade imensa do seu coração e da imaculada nobreza do seu caráter.

Havia, efetivamente, dentro daquela figura alta e fina, um pouco distante e fria, uma dessas almas delicadas e compassíveis, onde todas as dores encontram ressonância e de onde jorram, ao mais leve toque, todas as consolações. Bondoso, dessa bondade inteligente que sabe acertar com o ponto exato da ferida para ungi-la do seu óleo divino, sem desperdícios inúteis, o seu coração era o abrigo natural de todos os que, em torno de si, as trizeiras da vida levavam ao desânimo. Nervoso, sem confiança na máquina humana e nos arranjos da existência, atormentado com a incerteza do dia de amanhã, que sempre supunha portador de males imprevisíveis, era espantoso, todavia, a dose de calma e de esperança que sabia inocular nos que, aflitos e desalentados, lhe abriam o coração em súplicas de consolo. Dir-se-ia que trouxera do berço e do deserto o trunfo, apurando-o no estudo dos homens e no contacto com eles, o dom da direção espiritual. Entre os amigos que o cercavam habitualmente, gente quase toda de incontestável superioridade mental, a sua posição natural, posição que não disputou a ninguém, mas que todos lhe conferiam espontaneamente, era a de conselheiro supremo. Guiava-os a todos, quer no domínio intelectual, quer no domínio moral, com a doçura de um irmão mais velho e com a autoridade de um juiz incorruptível. Todo coração e inteligência, leal e franco dentro da discreta reserva em que envolvia os atos e as palavras, de uma tocança quase injusta desconfiança no próprio merecimento, simples, afetivo e digno, o seu convívio constituía uma das coisas mais agradáveis e mais salutares da vida. Acalentava a alma e iluminava o espírito. Caráter puríssimo, o que lhe redobrava a autoridade da palavra e do prestígio da pessoa.

Mário de Alencar cederia, em si, a realização plena deste verdadeiro fenómeno — o consorcio de um artista finíssimo com um perfeito homem de bem... Escritor dos mais primorosos que a literatura brasileira tem contado, espírito esmaltado por uma cultura intensa, em que predominavam a contribuição helênica e a contribuição britânica, hauridas ambas nas próprias fontes, Mário demonstrava, praticamente, que podem conviver na maior harmonia, sem que um prejudique os outros, um grande intelectual, um perfeito chefe de família e um amigo modelar. O egotismo tradicional dos artistas, a vaidade agressiva dos poetas, a indiferença sentimental dos eruditos, não encontraram, na sua alma,

a charneira onde, retorcidos e áspers costumam brasejar, lamentavelmente, esses tristes rebentos da miséria humana. Ao pé dele só se sentia a maciez e o aroma da flor de ternura que cultivava no coração. Nunca se percebeu que ela tivesse algum espinho...

Filho do maior romancista e companheiro dileto do maior escritor que o Brasil ainda teve, Mário de Alencar, sem esconder a influência que de um e de outro sofreu, soube, todavia, adquirir uma personalidade literária distinta e guardar, ao lado de José de Alencar e de Machado de Assis, a sua fisionomia própria. Sem a exuberância lírica do primeiro e sem a robustez filosófica do segundo, foi talvez o mais preciso de todos na visão psicológica dos homens. Há entre os seus trabalhos de crítica, três ou quatro que são verdadeiras maravilhas de penetração psicológica.

As últimas linhas que dele recebi, não faz muitos dias, retratam bem a feição carinhosa da sua alma, e o desapareço em que tinha aos seus dotes de escritor. Havia-se insatisfeito por que ele começasse logo a colaborar no "Diário da Noite". Dava-me a razão por que não o fizera e acrescentava: "O momento também não me parecia propício, em meio de aborrecimentos de molestias e desgostos da morte do Alberto e do Domício. Deixe-me agora repousar um pouco o espírito, e o que eu puder fazer irá para o "Diário", creio eu que sem vantagem nenhuma para os seus leitores, mas lá para demonstrar-lhe o meu interesse em tudo o que é seu."

Com o desaparecimento de Mário de Alencar, desfaz-se para sempre a roda encantadora que, no seu pequenino gabinete da biblioteca da Câmara dos Deputados Federais, se formava todos os dias, entre as 2 e as 4 horas da tarde, e que era para mim, quando lá no Rio, a principal sedução intelectual da vasta metrópole. Nunca mais

experimentarei, naquele estreito recinto, farrado de meiguices e polides, a doce voluptade de ver Constantino Alves, singelamente, como quem nunca fez outra coisa na vida, despejar, sem esforço, como a brincar, um rio de reminiscências, de aneddotas, de observações, qual a qual mais aguda, cada qual mais rutilante. Nunca mais terei a deliciosa surpresa de me sentir envolvido, bruscamente, pelas ondas de eloquência que, num lance da palestra, provocado por um dito, por uma alusão ou por um fato, saltavam, rumorosas e lucitantes, dos lábios desse conversador perigoso que é Afrânio Peixoto. Nunca mais terei o gosto de acompanhar, sob o sorriso indulgente de Mário de Alencar, esse trulento Torquemada político, que é Jackson de Figueiredo, sempre a pedir castigos tremendo para aqueles a que não seria capaz de recusar, se os sobuses necessitados, o bálsamo da sua caridade...

Nunca mais verei naquela saleta exigua, destacar-se por entre as pilhas de livros que transbordavam nas estantes e das cadeiras, a formosa cabeça de Primativo Moariz, último exemplar do homem de salão capaz de sublimar, com uma reflexão profunda e fulgurante, a frioleira amavel de um galanteio, derradeiro sobrevivente de uma geração polida, em que a cultura das maneiras não excluía a cultura do espírito...

Nunca mais assistirei ali, naquele círculo fraternal, naquele ambiente de amizade e de illusão, às explosões furiosas de Alberto de Faria contra as fraquezas alheias, e à risinha de devoção de Carlos Pontes a todas as coisas nobres do espírito e do coração.

Foi-se tudo. A morte levou o que escolheu e espalhou os restantes. Começa para estes o período melancólico da vida, em que a luz se desloca da frente para trás e em que, volvidos os olhos para ela, a gente, perdido o jeito e o gosto de sonhar, só se compraz na recordação...

A poesia rara de Mario de Alencar — OLAVO BILAC

"Felizes os que não tem confiança em si mesmos!", dizia o velho Montaigne. Esses de fato, são os que se livram da impáfia, de ridícula soberba, da cega vaidade que preparam os maiores desastres da vida.

Ícaro e Encelado pafaram caro o atrevimento e o orgulho... Mais vale o trabalho modesto e cauteloso, meditado e paciente, do que o surto da ambição irrefletida que quer abarcar o céu com as asas.

Mário de Alencar, o autor do lindo volume de versos que acabou de ler confessa que "não sabe se é poeta", e diz que "a publicação do seu livro tem o intuito de submetê-lo a desinteressado juízo". Em geral os críticos não simpatizam com os autores modestos. É tão fácil esboçar quem está desarmado! Alem disso, como estou convencido de que não há críticos no Brasil, não creio que o poeta dos "Versos" logre algum proveito da fraqueza com que se submete ao "juízo dos competentes". Mas vê-se bem que o receto do poeta é sincero. Quem lê o seu livro, encontra nele a revelação de um espírito suave, incapaz de orgulho, sensível em extremo às hostilidades da vida, facilmente impressionável, facilmente exposto a ser ferido de hora em hora. Não há nos "Versos" uma só explosão de amor, de cólera, ou de desespero: ali não há paixões, no sentido em que mais comumente se emprega esse vocabulário: há sentimento sóbrio, que se não desmancha em grandes gestos, nem em grandes gritos, e parece, ao contrário, ter medo de se expandir, — por um excesso de recato.

Caso raro em literário — quem lê os "Versos" e a "Razão do Livro", vê que, em Mário de Alencar, o poeta não se sapara do homem.

A leitura deste pequeno volume deixa uma encantadora impressão, que não é fácil definir. Não é admiração, não é entusiasmo; é uma doce surpresa, um vago prazer, misturado de melancolia.

Quem lê o livro de Mário de Alencar tem a sensação de haver encontrado uma alma triste e boa, de rara sensibilidade artística e humana.

Ah! sim! quem escreveu esse livro é poeta, poeta como poucos.

"Filho do próprio Deus, mensageiro do bem..."

O PESADELO — JOÃO ALPHONSUS

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

Eu tinha oito anos, ou nove, talvez; menos, talvez mais, menino um tanto ou quanto supotônico, tal qual a minha memória daqueles anos distantes. Murávamos perto da ponte de pilares aculeares, em cujas pedras as águas se quebravam num marulho que crescia à proporção que a noite avançava. Quando acontecia despertar durante a noite, aquele som de águas intermináveis não me causavam estranheza nem insônia; pelo contrário, me embalsavam quasi que imediatamente, para retornar o sono. Também os cinco, réligios de igrejas da minha cidade adquiriam, à noite, ainda maior importância. Para as ruas badaladas, a minha atenção noturna se interioriza, com uma força capaz de garantir uma hora de insônia, escutando, umas após outras, de cada recanto da cidade, da Sé, de São Francisco, do Carmo, do Seminário, das Mercês. Principalmente o réligio de São Francisco, dois sinos de som fino, infantil, para bater os quartos de hora, paucadas trémulas que se espalhavam em ondas trémulas na noite interminável, eu as sentia ondular, ondular até longe na minha sensibilidade aturada. Uma verdadeira iniciação de poucas notas admiráveis, de que não me esquecer jamais.

Foi numa dessas noites que o meu irmão Albino, um ano mais moço, que dormia na mesma quarto que eu, teve o seu pesadelo famoso, único ao que me parece, e que me colocou numa situação de tremenda, imprevista injeção. Agora me lembra que devíamos estar sendo preparados para a primeira comunhão, pela natureza da sua pesadelo: deu um salto de sua cama, os gritos. "Que é isso, Albino?" lhe disse eu, assustado, tentando retê-lo. Mas, rápido, sempre gritando dolorosamente, foi pelo corredor, pela sala de jantar, comigo no seu encalço, na direção do quarto dos nossos pais. Ali, começou a pedir, de olhos esbugalhados, que tirassem aquela pedra da cabeça do Menino Jesus, indicando certo ponto onde de não havia, visível para nós, um Menino Jesus, e quanto mais uma pedra na sua pequena cabeça! Meu pai acordou a manhã, com alguns arrancos, uma certa violência necessária para o sono e o sonho teimosos. Voltou a si, sem saber de coisa alguma, e todos acabamos rindo. E também, mas com inocência, um sonho daqueles!

Até então eu não tivera um pesadelo e me sentia em inferioridade. Certos sonhos comuns, discretos, sem gritos nem barulho, que tive o cuidado de contar nos dias seguintes, logo depois da rememoração daquele importante episódio na minha cabeça do Menino Jesus, não causavam na assistência qualquer impressão apreciável. Não era um sonambulismo! E aquele estado de inferioridade precisava de acabar urgentemente. Todos os homens, que foram necessariamente meninos, possuem essas lembranças engraçadas. Mas não somente engraçadas: existia um sofrimento quasi dramático, na depressão que me proporcionava o triunfo sonambúlico do meu irmão mais moço, sobretudo na hora de deitar, de sondar o mistério do sono. Cheguei a rezar, ao mesmo Menino Jesus, solicitando um pesadelo. A minha reza foi teimosamente indeliberada. De tudo isso só se guarda afinal a recordação do pitoresco, com o argumento, aliás sensato, de que os meninos esquecem depressa as contrariedades. Entretanto, os adultos talvez esqueçam as deles mais depressa, e passam a julgar tudo que aconteceu na infância com uma superficialmente revoltante.

Jam os dias passaram quando certa vez, na sala de jantar, olhei para uma série de oleografias que ornavam as pa-

redes, representando cenas de capadas, coisas de países distantes, com urras, pelos, pinheiros cónicos, de que guardo memória apagada. São quadros que tinham vindo da casa dos meus avós, muito antigos e muito simples. Olhei-os e tive de repente uma idéia que se firmou em resolução. Estava tomando um copo de leite, para dormir. Tomei a bênção a minha mãe e fui para a cama. Fingi dormir apenas. Aquela noite, que foi biográficamente a da minha primeira insônia, foi a da minha pior insônia. As horas passaram, cinco vezes repetidas nos cinco réligios da igreja, sem contar o nosso velho réligio de parede, na sala de jantar, que me parece que punhava a precisão de badaladas, estando sempre adiantado para ajoinhar a cozinha. De certo momento em diante, que veio a extrema atenção em que me achava, dei-me paradoxalmente de escutar as horas, tomando conhecimento da absoluta tranquilidade da noite. Era o momento! Levantei-me, caminhei até na sala de jantar, onde podia distinguir os objetos com um pouco de clareza da noite nas vidraças das grandes janelas. Ambiente-me, tremulo, mas não de medo. Era um menino cheio de receios do mistério noturno que impregna as casas seculares da minha cidade... tantas vidas, tantas mortes, tantas narrativas que a gente ouvia de aparições! Mas era tão forte, tão firme aquela resolução, que não tinha, nem tive, o mínimo medo dos repetidos e insistentes boatos de almas do outro mundo... Subi na mesa e com alegria vi que os meus braços alcançavam os quadros. Comecei a retirá-los dos pregos nas paredes, colocando-os sobre a mesa. Sim, apenas isso, e a nada mais apirava a minha ambição realizada: em um ato de sonambulismo. Mas quem é que o perceberia? Era necessário fazer

algum ruído. Comecei a agir sem precaução alguma, até que ouvi que minha mãe chamava a meu pai. Trocaram palavras sobre o barulho que ouviam, e na sala de jantar. Sim, é na sala de jantar. Meu pai viria ver e então eu, de cima da mesa, quando me flameasse, haveria de olhá-lo com aquele olhar do Albino, fixo e brilhante, sem enxergá-lo. E não diria nada, sonambulismo sem palavras, geralmente técnico, até que me focasse com as mãos, me chamasse, me desse uns arrancos na medida necessária para me tirar daqueles sonhos profundos de uma vida atrevida à minha vida. Então, eu despertaria, com um ar de surpresa muito espantada. E o dia seguinte seria um dia normal? Tudo já estava assim predeterminado e parecia fácil. Percebi que ele se levantava e que já os seus pés procuravam os chinélos, os chinélos já caminhavam... Desci rapidamente da mesa e, antes de que ele abrisse a porta para a sala, eu estava novamente debaixo das minhas cobertas.

Como depois bater o meu pequeno coração? O restante, percebi-o conjuntamente. Vi que chegava a sala, devia olhar os quadros sobre a mesa, vinha até a porta do nosso quarto, sempre aberta, esteve na porta que dava para a cozinha. Foi breve ou demorado? Jamais saberia responder, unindo no mesmo susto inconmensurável, na mesma confusão de sentimentos indefinidos, o minuto e o século. Que sinto quando notei que voltava a tranquilamente ao quarto. Teria dito alguma coisa à minha mãe. Depois o silêncio. Hoje, me é absolutamente impossível saber se dormi, ou não, o resto da noite. É bem provável que tenha afinal adormecido, do cansaço, de dor, de decepção...

De manhã, fiquei na cama até mais tarde. Até que ma-

- 12 DE JANEIRO**
1841 — Nascimento, em Congonhas do Campo, Minas, de d. Silvério Gomes Pimenta, que sucedeu a Alcindo Guanabara.
- 13 DE JANEIRO**
1842 — Nascimento, em Baturité, Ceará, de João Franklin da Silveira Távora, patrono da cadeira n. 14, criada pelo sr. Clóvis Breliaque.
- 16 DE JANEIRO**
1850 — Nascimento de Antônio Valentim da Costa Magalhães, fundador da cadeira n. 7.
- 1871** — Falecimento, em São Luiz, Maranhão, de Francisco Sotero do Rei, patrono da cadeira n. 19 dos correspondentes.
- 17 DE JANEIRO**
1910 — Falecimento, em Washington, de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, criador da cadeira n. 27.
- 18 DE JANEIRO**
1904 — Falecimento, em Buenos Aires, de Bartolomeu Mitre, sócio correspondente.
- 1921** — Sessão pública, em comemoração a Raimundo Corrêa e Guimarães Passos, falecidos em Paris.

mãe veio me perguntar se estava doente. Quando cheguei à sala de jantar... para o prato de mingau de fubá, já os quadros tinham retornado aos seus lugares na parede. Além, nem os olhei: tive, pelos menos, força de vontade para isso. Tomei a bênção do meu Pai e ele me abençoou sem dizer nada mais, um gesto de bondade infinita. Ninguém me falou a respeito. Porque, se houvessem sabido, eu sucumbiria num pranto sem medida e sem termo...

O "INTERMEZZO", de H. Heine

Lúcio de Mendonça

Na ridente primavera,
Quando o botão abre em flor,
Minha alma, de esteril que era,
Engrinaldava-se de amor.

Na ridente primavera,
Quando entra o melro a cantar,
Á que em mim sorrindo impera
Osei meus votos confiar.

2

Lúcio de Mendonça

Minhas lágrimas entornam
Flores que brilham ao sol.
E meus suspiros se tornaram
Encantos de rouxinol.

Se me quiseses, ó bela,
Tens dessas flores o escol,
E defronte da janela
Os cantos de rouxinol.

3

Gonçalves Crespo

Rosas e lírios, pombas, sol radiante,
Tudo isso outrora, no fugaz passado,
Eu adorei constante.

E desse amor, que tive imaculado,

Por lírios e aves e sutis perfumes,
Nem já me lembro, sedutora amante,
Fonte pura de amor que em ti resumes
A rosa, o lírio, a pomba e o sol radiante

4

Luiz Rosa

Quando os teus olhos lânguidos eu vejo
(Limpido olhar!) o mal que é o meu
[desejo]

Logo dentro de mim sinto desfeito;
Mas se te beijo a boca perfumosa,
Que tem o odor da rosa,
Foge-me a dor e eu fico satisfeito.

— Se no teu colo lânguido repousa
A minha fronte triste,

Logo nos raios matutinos pouso
Um desejo sutil que tu não viste;
Todo de amor me inflamo
Dentro de estranha e rumorosa aurora,
Mas se me dizes trémula: "Eu te amo!"
De súbito, a tremer, minh'alma chora.

5

Luiz Cunha

Teu rosto belo e adorado
Em sonhos vi uma vez...
Não, como outrora, corado,
Mas tendo pálida a tez.
Só nos teus lábios havia
O mesmo antigo rubor.
Mas a Morte, qualquer dia,

A tua boca já fria
É o olhar que raios vertia
Há de cerrar, meu amor.

6

Luiz Rosa

Encosta a tua face delicada
À minha fronte pálida; porquanto
Quero ver, minh'amada,
O teu pranto fundir-se com o meu pranto.
Agora deixa que o meu peito que ama
Fique preso ao teu seio por instantes
Para que os nossos corações amantes
Queimem-se à luz da mesma ardente chama.

E depois, quando sobre a chama perto
A torrente das lágrimas cair,
Apertando-te mais, — pálida flor!

Hei de morrer feliz, feliz de certo,
Satisfeito e a sorrir
Num delírio de amor.

7

Gonçalves Crespo

De um lírio branco no mimoso cálice,
Se eu a fosse depor,
A vaga essência de meu peito, em breve
Escutarás no cálice de neve
Uma canção de amor.

Canção divina, relembrando as ansias
E o lânguido tremor
Daquele beijo, em teus misteriosas,
Que me deram teus lábios cor de rosa,
Meu doce e casto amor!

A VILA — GRACILIANO RAMOS

A vila tinha a aparência dum corpo aleijado: o largo da Feira, formava o tronco; a rua da Pedra e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, saltando um monte; a rua da Cruz, onde ficava o cemitério velho, constituía o braço unco, levantado; e a cabeça era a serra, de torre fina, povoada de corujas. Na junção das pernas, a casa de seu Galvão resplandecia, com três fachadas cobertas de azulejos, maravilhosas causadoras do imenso prestígio de merlins esquivos: Osório, faciturno; Cecília, enfeada; e d. Maria, que pronunciava garrafa. Na coxa esquerda, isto é, no começo da rua da Pedra, o acude da Penha, cheio de muscas dos sapos, tingia-se de manchas verdes, e no pé, em cima do morro, abria-se a cáscara da Intendência. Rasgavam-se no tronco dois braços importantes: um ia ter à lagoa; o outro fazia um cotovelo, dobrava para o Cavalão Morto, atual mal chamado que findava no sítio de seu Paulo Honório, junto ao cemitério. Num terceiro beco, vizinho à igreja, as janelas do vigário espiavam as da escola pública, alva e de plantão, regida por um sujeito de poucas falas e barba longa, semelhante ao mestre rural visto nos anos atrás. Essa aparência deu a convicção de que todos os professores machos eram tabuleiros e silenciosos.

D. Maria, particular e casada com seu Antônio Justino, habitava na rua da Palha, e, por ser particular, inspirava mais confiança que o colega, oficial e, consequentemente, desleixado, na opinião dos pais de família. Seu Antônio Justino, homem sem profissão, em quinze, marido de professora, mas não era completamente quinze, apesar de viver desocupado. Se a mulher tivesse diploma, seu Antônio Justino perderia nome e sobrenome, mudar-se-ia. Como d. Maria não tinha diploma nem recebeu dinheiro do governo, seu Antônio Justino ainda não se havia inteiramente despersonalizado.

Perto dessa escola instalavam-se o quartel da polícia e a cadeia. No corpo da guarda o destacamento local bocejava, preguiçava nas tarimbos, e José da Luz, estufa pachola e risinho, cantava.

A vida social se concentrava no largo, ponto de comércio, fofocas, leitura de jornais quando chegava o correio. Nos sábados armavam-se barracas, fervilhavam malutos. Nos domingos eram os exercícios espirituais: missa extensa, confissões, casamentos, batizados, injúrias abundantes de padre João Inácio. Tinham andado pelo sertão dois missionários muito diferentes na catequese. Frei Caetano, pessoa de infinita doçura, quase santo, e frei Clemente, um bárbaro que fastigiava as mulheres e infandava enorme respeito. Padre João Inácio tinha muito de frei Clemente; não chegava a agitar os paraguaios, mas, se se apercivesse, distribua insultos aos pequenos fada de cachorro com pote. Este desatento era proferido com energia e gritos, fora do pulpitão, pois não consta que padre João Inácio haja pregado.

Os maiores do município, governo e oposição, pertenciam a um grupo de famílias mais ou menos entrelaçadas, poderosas no Nordeste: Cavalcante, Albuquerque, Siqueira, Tondria, Aquino. Padre João Inácio era Albuquerque. O comandante Badega, parente de todos os grandes, autor de vários filhos naturais, esfafileando em Cesar Cantu, vestia casaca e chapéu de abas roídas e botas pretas com remendos amarelos. Assim, de rebenque e esporas, entrou uma noite no Paço Municipal com um lote de caboclas novas e, ao som da harmônica,



dansou valsa e quadrilhas até o nascer do sol. Esse cavalheiro tinha sido agraciado pelo imperador em consequência de trabalhos e perigos afrontados numa epidemia de varíola. Possuía comenda, mas os rociões davam-lhe o título de capitão.

De ordinário, a gente da rua, excetuados os três meses de safra, degustava seis dias na semana. Em negócios raros arrancavam-se do freguês lucros exorbitantes.

Pelos agudos frios da serra, andavam figuras solitárias. Os mãos atrás das costas, em capotes escuros, como urubus arripados na garra.

E findo o inverno, indivíduos loquazes reuniam-se em torno dos balcões, discutiam política, tesouravam o próximo. À tarde, andavam pelas calçadas, acompanhando a sombra. Os dados chocalhavam, as pedras estalavam nos tabuleiros de gamão. E as discussões não tinham fim. Comentava-se o talento do advogado Bento Américo, um que chegou a professor de direito e se notabilizou por vestir-se mal e escrever sem verbos. Num discurso no juri Bento Américo arremedara o coronel Antônio de Aquino, chefe político: acendera um cigarro de fumo picado e deitara o pé em cima duma cadeira. O discurso era antigo, mas continuava a provocar admiração.

Muitos fatos antigos se renovavam, confundiam-se com outros recentes, e as notícias dos jornais determinavam perturbações nos espíritos. Debatiam-se Canudos, a revolta da Armada, a Abolição e a guerra do Paraguai, como acontecimentos simultâneos. Com dez anos, a república ainda não parecia definitivamente proclamada. Realmente, na vila não tinha havido mudança. Os mesmos jogos de gamão e solo transmitiam-se de geração à geração; as mesmas pilhérias provocavam risadas. Certas frases decoravam-se, arquivavam-meio de arquivar-se com outras de sentido contrário — e essas incompatibilidades firmavam-se nas mentes como artigos de fé. Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto eram grandes, sem dúvida, tão grandes que, deixando a política, recebiam consagração popular e entravam nas emboladas.

Padre Paulino, Leodora, Leiliane.
Pol'a lei republicana
Que inventou: guarda local.

As pessoas que divagavam nas calçadas, buscando a sombra, conheciam dos generais famosos alguma coisa mais que os nomes truncados. De fato não percebiam neles virtudes públicas (isto ninguém estava em condições de notar), mas descobriam qualidades preciosas a um sertão: coragem e dissimulação. Aquela resposta de Floriano aos estrangeiros causava entusiasmo. Bichão, sim senhor: prendia, deportava, não recejava caretas. Deodoro é que havia procedido mal com d. Pedro II. Deodoro, no começo da vida, era um pobrezinho, e d. Pedro o recolhera, educara, dera-lhe posição e dragões. Em paga de tantos favores, uma rasteira no protetor bambo. Ingrato. Devia ter esperado que o velhinho desse o couro às varas.

Meu pai, negociante, concordava com todos. Tinha às vezes, porém, ideias próprias, que não chocavam as outras. No dia 15 de novembro enxergava um herói, o barão de Ladário, desconhecido antes da revolta, nascido maduro para resistir: à prisão, receber tiros, não permitir que se derrubasse a monarquia suavemente. Esse pouco sangue bastava. E meu pai, livre de leituras livres de sentimentos belicosos, viu no ministro ferido uma glória incomparável. Admirou-o com interesse — e ninguém o contrário. Esqueceu-o depois completamente, deixou-se aludir a qualquer espécie de bravura. Tinha fraca imaginação e era bastante ingênuo. Aborrecia os ateus, mas só acreditava no contadantes e nas faturas. Desconfiava dos livros, que papel aguçava muita lora, e negou obstinadamente o aeroplano. Nunca viu um, em 1914 ainda os considerava duvidosos. Talvez até admitisse o barão de Ladário como personagem de ficção.

A política nacional era um romance que os meninos barbados folheavam, largavam, retomavam, deturpavam. Versateis, não permaneciam nessas alturas, caíam aos sucessos vulgares, que eram também contos de fadas.

O doutor juiz de direito mencionava a comarca onde servira, no Amazonas: Jacaré mons tuosos, onças inofensivas, cobras que enguiam bois.

Seu André Cursino, gordinho, baixinho, barrigudo, saía à rua vestido em robe de chambre.

Seu Batista, embutido na camisa dura, enforcado na gravata preta, a barba em bico alongando-lhe a cara magra, falava devagar, medindo as palavras. Quando se calava, as cabeças em redor balançavam-se aprovando-o, e os olhos maliciosos trocavam dele.

Seu Felipe Benício, negociante de miudezas na rua da Pedra, era encorpado, tinha uma ruga na testa e bigodes grisalhos. Serio, causava medo. Felizmente a gravidade esmorecia na conversa: a ruga se desmaltava, os bigodes subiam e largos dentes amarelos se mostravam num sorriso.

Tipo molfo era o velho Quinca Epifânio, ossudo, inquieto, cara de fome, sovina ate nas palavras. Guardava a despesa na loja: barricas bem cobertas, defendidas contra os ratos. De manhã, um moleque se chegava ao balcão, a cesta pendurada no braço. O avarento destapava os esconderijos, pesava e cortava longamente a ração mesquinha: duzentas grammas de xarque, dois dedos de toucinho, um pires de feijão. Embrulhava tudo num quarto de jornal e despedia o portador, surdo a qualquer reclamação, gaguejando.

Para lá da lagoa, no alto dum monte, seu Felix Cursino recebia visitas no alpendre, duma casa rodeada de cajueiros.

Abaixo dessa classe, moviam-se criaturas que não eram jornalistas, ignoravam d. Pedro II e o barão de Ladário.

André Laerte, o barbeiro mais anjo do mundo, usava no trabalho um avental ensanguentado, pisava macio, falava macio, com modos de gato.

As gargalhadas do pedreiro Carcará feriam todos os ouvidos. Seu Acrísio, jogador e quase cego, zigzagueava, batia nas paredes, lentava degraus e portais com o cajado. No jogo, unia as cartas aos olhos, apalpava-as lentamente, como se as visse com os dedos.

Mestre Firmo, alfaiate, a agulha metida na gola, alarantava-se, pedindo um cigarro. Se não o obtinha, entrava na bodega e comprava um maço. Tirava o cigarro necessário e distribuía dezoito, porque lhe faltava o instinto de proprietário: era sóbrio e devia a toda a gente.

Alguns indivíduos, quando não se apresentavam nas calçadas, incorriam em censuras rigorosas. Seu Antônio Justino

e seu Afro estavam entre eles, o primeiro por ser indolente, o segundo por acomodar-se a um gênero de vida considerado irregular.

Dificilmente se provaria que seu Antônio Justino fosse mais preguiçoso que os outros habitantes da vila, mas todos o condenavam: não tinha fazenda nem ofício, não jogava e nas reuniões das esquinas opinava moderadamente.

Seu Afro, vítima duma infelicidade que só muito mais tarde compreendi, não se julgava infeliz, pelo menos aparentemente. Era um rapazão corado, forte, risinho, barulhento. Vendendo-o pelas costas, as pessoas que discutiam Canudos e o barão de Ladário faziam caretas de repugnância, largavam gestos obscenos. Porque seu Afro, casado no religioso, morava no Cavalão Morto, zona imprópria com a mulher, uma grande loura sardenta, e o amigo Antônio Freire. Este amigo tinha residência nominal na fazenda, mas de fato vivia na rua e no pecado, entregava de corpo e alma à família adotiva — uma longa dedicação que o tempo e os remoqueos não esfriavam, nem corrompiam. Julgo que mantinha a casa. E os três se entendiam, achavam no seu pequenino mundo substância para manter a sociabilidade resumida que havia nelas. Dispersavam festas, visitas, palestras, e d. Maroca, vistosa, moça, branca de carne e de roupa, bem lavada e bem esfregada, andava firme nos passadissos, sem se voltar para as filhas, isenta de cortezas. As mulheres honestas desviavam-se dela, rancorosas. E as desonestas, cândidas, pintadas, inextricavam-se.

— Hum! hum! Maroca passa, nem olha.

Diziam na verdade nem via. Creio mesmo que diziam nenhuma, coisa estranha. D. Maroca não olhava. Seguiu o seu caminho, apuradíssima — e só.

Muitas vezes me espantaram a descondição e a frieza que envolviam essas criaturas. Não podia capacitar-me de que aquela moça tão bonita, tão cheirosa, tão enigmática, fosse de qualquer modo inferior a d. Agueda de seu Acrísio, magra, enghelada, pontuda. Também me parecia injusto dar ao velho Quinca Epifânio, sovina e faminto, mais valor que a seu

(Continue na página seguinte)

CURSO DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA - TERCEIRA AULA

GEOLOGIA DA AMAZÔNIA - Professor GERSON DE FARIA ALVIM

É o assunto de minha palestra. A Geologia da Amazônia, palestras, viagens, expedições, expedições por verdadeira geologia da região, percorreram e descreveram a grandiosa paisagem amazônica e dos trabalhos desses sábios brasileiros e estrangeiros, entretendo a contribuição dos estudos, realizados pelo antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, chegaram às conclusões que resumidamente exporemos.

Devo, porém, antes de abordar o assunto, como preito de veneração às suas memórias, lembrar os nomes dos grandes pioneiros que desbravaram as selvas amazônicas. São eles: Spix e Martins, Castelloe, Gibbon, Kieker, depois Louis Agassiz, João da Silva Coutinho, William Chaudoy, Charles, Eric Mart, Orville Derby, Herbert Bonill, Clarke, Richard Rathbun, Francisco José de Freitas, John Casser Branner, Pereira Pena, João Barbosa Rodrigues, Francisco de Paula Oliveira, Gonzaga de Campos, Burzio de Oliveira, Luiz Florio de Moraes Rego e Paulino Francisco de Carvalho.

Em consideração aos geólogos vivos, que também viajaram rios, lagos, pântanos, lagos da Amazônia, pelo domínio dos seguintes nomes: Pedro Odorico Rodrigues de Albuquerque, engenheiros - Matias de Oliveira Boxo, Avelino Inácio de Oliveira, Rodrigues Vieira Junior, Gilson de Paiva, Pedro de Moura, e outros mais modernos.

Porque a natureza dos geólogos para a unidade da região em estudo, forçou a concluir que há muito que ser desenvolvido ainda na gigantesca bacia "trófica" amazônica. Por isso mesmo, bem diz Enchilade da Cunha preambulando a obra "Inferno Verde", de Alberto R. get "um indício que se deu a longo e pouco, lento e lento, indolentemente, tortuosamente".

IMPRESSÕES DA AMAZÔNIA

Belíssimas e fagocitas penas tem escrito a região com as cores que a fantasia do momento os fatos esportados: impressionaram o escritor, Infante Verde, Desherado, Amazônia misteriosa, Terra mística, Amazônia que ninguém sabe, Glória tumulosa. O monstro, são títulos da bibliografia sobre o Amazonas, títulos perturbantes, não dão deslumbramento de ter o seu lado prejudicial. Em contraposição existe também a "Terra calíndia" e é verdadeiramente a terra calíndia. O homem, ao tocado por uma ár e desmedida de fortuna, ao tomado pela vertigem de intrinsecos, penetrar no acima, ali em camadas, navega selvagem, como um exército que, não encontrando obstáculo à sua frente, avançava, avançava sempre, sem se lembrar que o inimigo sólido o fechava pela retaguarda. E ao dar acordo de si, estava desaparecido, sem viveres, sem recursos para empreender a retirada, estava liquidado, perdendo a vida como tributo de sua ambição ou intrepidez.

De qualquer forma o homem é que era infinitamente pequeno, julgado-se gigante, e a terra recebia um protótipo a calíndia do homem por ser intensamente grande.

O biológico discurso do Rio Amazonas veio revelar novamente que a terra é a mesma do novo grande Brasil, portanto boa, mas deve ser tratada com inteligência e sabedoria para ser proveitosa, como hoje a região.

CLIMA

A grande cobertura florestal da Amazônia define bem o seu clima: quente e húmido. É normal a pequena amplitude de variação da temperatura, não obstante sofrer em pontos mais próximos do Andes a influência do degelo da grande cordilheira. No Acre, porém, há abastamento de temperatura tão violento, que causa verdadeiro desastre na fauna indígena, dos cursos d'água. É das regiões do Bra-

A VILA

(Continuação da página anterior)

Afro, robusto e alegre. O juízo dos homens era esquisito. Contudo, esse julgamento absurdo acompanhou-me. Fixou-se, ganhou raízes. Indigno-me, quero extirpá-lo, rehabilitar seu Afro e d. Maroca. Duas pessoas normais, evidentemente. Penso assim. E desprezo-as, sinto-as decaídas. Impossível deixar de senti-las decaídas. Repito mentalmente os desconchavos de padre João Inácio.

al onde se verificam as maiores precipitações atmosféricas. Regra geral os cursos d'água da margem norte receberam sua contribuição das chuvas em época diferente das dos da margem sul; nessas condições a grande corrente registra no correr do ano dois períodos de máximas cheias e dois de vassante.

ESTRUTURA GEOLOGICA OU ESTRATIGRAFIA DAS FORMAÇÕES AMAZÔNICAS

Complexo cristalino

O solo do Vale do Amazonas compreende uma série de rochas, erupivas, ígneas, metamórficas e sedimentárias outras, de idades diferentes, constituindo a coluna geológica.

Servindo de alicerces às formações sedimentárias encontram-se áreas relativamente grandes no norte e ao sul do majestoso rio as rochas erupivas representadas pelas granitos, gnaisse, e. Estas rochas são superpostas pelas rochas metamórficas, xistos cristalinos, quartzitos, etc., e o conjunto constitui a terra amazônica ou o complexo cristalino. Era proterozóica.

SILURIANO

Descansa sobre um grupo de rochas, com interposição concordante de uma sequência de estratos que se separam também nitidamente, embora muito se aproxime do arqueano, formados de xisto metamórfico, uma outra série de rochas que representam a terra basáltica da Era Paleozóica, a sistema Siluriiano, nitidamente caracterizado pelas foliadas não encontradas. As rochas são arenitos micáceos de elemento silício, apoiando-se sobre foliados. As primeiras impressões fósseis ali encontradas foram identificadas como "Archæocypris harlanii". Conard encontrado no Siluriiano de Medina.

Outros fósseis encontrados nas formações siluriianas do Amazonas são: *Lingula oblonga*, *Pholidops trachelata*, *Trematoceras subrecta*, *Archæocypris*, *Tentaculites transiensis*, *Orthoceras*, *Graptolites*, *Megacrinurus cincinnatus* e *Climacograptus scalaris*, etc.

Esses fósseis procedem principalmente de: barrancos dos rios Curui, Macaúri, Trombetas e no Brás.

DEVONIANO

Um novo grupo de rochas é formado predominantemente de camadas de folhelhos argilosos pretos, muito fossilífero com lentes de arenito na parte superior, superposta a uma camada de "arenito sauro" e em baixo arenito também muito fossilífero. Abundantes concreções piritosas, por decomposição, colorem de uma cor carbanosa os afloramentos. Esse grupo de rochas se destaca das formações siluriianas inferiores por uma nova e rica fauna de *Brachiopods*, *Lamellibranchiata*, *Gastropoda*, *Trilobites*, etc., que define com toda segurança o horizonte Devoniano inferior da região.

Alguns, no título de ilustração alguns tipos de fósseis e maiores detalhes aqui encontrados no Monografia II, do antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, "Fossils Devonian of the Paraná", que estuda também os do Amazonas. Citamos a *Dalmanella* *trilobites*, *Spirifer burguianus*, *Spirifer hariti*, *Modiolomorpha heimelshani*, *Bucania* *reisi*, *Hemolophus garbyi*, etc. Esta fauna, muito abundante, não deixa dúvida absolutamente sobre a idade de volúncia inferior da formação. O seu desenvolvimento mais completo verifica-se no leito do rio Macaúri.

SISTEMA CARBONIFERO

Repostando discordantemente, sob o Devoniano ocorre uma outra série de rochas, constituída inteiramente de arenitos e superiormente de calcário muito abundante em fósseis, enquanto os arenitos são estéreis. A posição estratigráfica desta série de rochas, foliadas fósseis não encontradas, situada no subútero. A ocorrência de desenvolvimento mais completo encontra-se no rio Tapajós nas vizinhanças do Igarapé Ilapeva, assim como entre o Ersecuri e Trombetas. Enquanto os arenitos se apresentam em camadas delgadas, os afloramentos dos calcários são conspicuos. Entre os fósseis estudados desta formação destacamos os seguintes: *Productus amazonicus*, *P. Chan*, *P. Cors*, *Platychonella major*, *Conocardium*, *Rhynchonella pipira*, etc.

Todas essas formações, do Arqueano ao Carbonífero, são expostas no baixo Amazonas. São formações caracteristicamente marinhas, conforme provam os seus fósseis, donde uma conclusão importante a que chegaram os geólogos e que estudaremos depois.

SISTEMAS TERCIARIO E QUATERNARIO

Acima do Carbonífero vamos encontrar rochas muito mais novas, demonstrando uma extensa lacuna, faltando totalmente as formações da Era Mesozóica. As rochas terciárias cobrem quase toda superfície do Estado do Amazonas e Terceiro do Acre. Essas rochas são argilas, folhelhos e arenitos, estes mais ou menos arenos, areias mais ou menos incoerentes, aluviais e vasas.

EVOLUÇÃO GEOLOGICA DA BACIA AMAZONICA

Expostas em traços gerais, a constituição e estrutura das formações geológicas do vale do Amazonas, vejamos até onde esses elementos permitam fazer a reconstrução desta extensa região pelos seus ciclos, isto é, a história do seu desenvolvimento.

Os ciclos que as formações paleozóicas são perfeitamente bem definidas em posição e idade, pelos seus fósseis, são todas formações indiscutivelmente marinhas. Esta observação levou a quase totalidade dos geólogos a admitir a ausência do carvão mineral no Carbonífero do Amazonas, porque esses depósitos econômicos só se verificam no E. nos terçigos ou continentais do Carbonífero, isto é, terrenos correspondentes ao Siluriiano ou Westphaliano, em oposição, ao facies marítima correspondente ao Moscoviano ou Uraliano, no sentido europeu.

Este assunto é de suma importância, e Gonzaga de Campos, em memorável justificativa, dividia sobre a discussão, apontando a Índia a discussão, reportando-se a seguinte frase de um dos trabalhos de Branner:

"Esperava-se que o carvão de pedra fosse descoberto no Carbonífero superior da região Amazônica, mais ali agora tais camadas ainda não foram descobertas, e além disso, o fato destas camadas serem marinhas, não dá a esperança de achar nelas carvão de pedra".

Gonzaga de Campos era dos poucos que mantinha reserva sobre essa conclusão, e, envolvido em toda sua proverbial modestia, tinha uma convicção contrária e justificava-se com argumentos respeitáveis de valor. Então, disse, Gonzaga de Campos, no seu trabalho "Carvão no Amazonas": "Ouro: ou não, não quero pique por uma atenção que não mereço, os meus amigos mantêm reservas nesse ponto. Mas parece que estão convencidos de que as pesquisas para carvão no Amazonas são inúteis".

Um sábio da universidade de Gonzaga de Campos não se teria envolvido numa "falsa" denúncia. Havia prazeres muito ponderosos que o levaram a essa discussão, e não podemos deixar de considerar que lhe sobravam razões para isto.

Com efeito, contemplamos a extensão sedimentária do Vale do Amazonas. A sua superfície se aproxima a um quilômetro de ordem de 2.000.000 de metros quadrados; as extensões dos terrenos paleozóicos são mínimas em relação a essa área. Por outro lado, se sondagens realizadas no Estado do Amazonas, em número de cinco, em uma área restrita na região do Paranaíba revelaram sob os sedimentos terciários, em espessura inferior a 50 metros, o terreno Carbonífero em camadas muito espessas.

Trata-se de uma contribuição muito pequena para ser generalizada em tão grande área. Isto desconfiança no sentido vertical, isto é, em profundidade, como no sentido horizontal. Devemos concordar que tal generalização é precipitada.

É a explicar a formação do vale amazônico, apoiando-nos na interpretação de Hartt.

Hartt em 1872 formulou uma teoria sobre a gênese da Amazônia, que encontrou franco apoio no meio científico, confirmando assim o elevado conceito de que gozava, tão notável e eminente geólogo. Descreveu-lhe os ressumos como a compreenderemos.

Os grandes mapeiros cristãos ao norte e ao sul do grande rio formavam ilhas de que hoje remanescentes o planalto guiano a do norte e o planalto brasileiro a do sul. Separava-as um largo canal, pelo qual se comunicavam os oceanos Atlântico e Pacífico. A continuação desses mapeiros, formou-se a material que se acumulou e a influência das bordas sul e norte desses mapeiros, foram-se aproximando, diminuindo a

cobertura líquida. Provavelmente, contribuíram para essa aproximação as correntes marinhas que favoreciam a sedimentação. Nesse canal, ao mesmo tempo que forças internas verticais levantavam o fundo do mar, essas sedimentações se processavam até o fim do Período Carbonífero ou nome do Permiano. Desta época em diante processava-se completa modificação do aspecto geológico. Daí para cima os sedimentos terciários obliteraram tudo. Não se encontram documentos característicos das formações intermediárias. A ausência de manifestação da vida mesozóica faz crer uma sucessão de movimentos verticais que tivessem facilitado a destruição completa das formações contemporâneas durante os estágios de emergência. Continuando a sublevação continental, já na Era Terciária ou pelo menos no terciário do período Cretáceo a sedimentação teria completado o fechamento do canal que ligava os dois oceanos. As correntes principais dos mapeiros guiano e brasileiro tinham a direção oeste e não como acontece atualmente; talvez, seja reminiscência de uma foz no Pacífico, o golfo de Guaiacul.

Nessa época movimentos orogênicos começaram a se manifestar do lado ocidental; emergiam as primeiras terras que delimitam a atual cordilheira dos Andes. Em consequência dessa exondação, o grande mar a oeste do continente guiano-brasileiro ficou isolado do Pacífico. A água que corria para esse mar, continuando a levar sua contribuição, tanto em água como em material de erosão, ao mesmo tempo que modificavam a natureza da primitiva água do mar, passaram a água salgada e depois salgada, elevavam por sedimentação o fundo do mar lago até que este, não comportando mais o grande volume d'água, transbordou abrindo nova calha, dando passagem à água que passaram a correr, agora não mais para o leste, porque a parede andino já se destacara totalmente, mas para leste, modificando completamente a fisionomia fisiográfica da região.

RECURSOS MINERAIS

É um capítulo ainda pouco de-

seminado a noção dos recursos minerais da Amazônia.

Os destruidores dessa intensa região, fascinados completamente pela exuberância vegetal, não olhavam para o chão. A riqueza vegetal inesgotável aliada com fartura de minas demandando apêlos. Aos geólogos, dominados pelos grandes problemas de geologia que a terra lhes propunha, não sobrava tempo para descer em detalhes nas pesquisas minerais.

Somente o antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil realizou estudos sistemáticos, quer na superfície, quer em profundidade, de cujos resultados foram descritas em suas boletins e relatórios.

As pesquisas de carvão de pedra e petróleo mereceram especial interesse, mas o número de sondagens foi relativamente pequeno em relação à área pesquisada.

Já falamos sobre as possibilidades da existência de carvão de pedra no Amazonas e os motivos que levaram Gonzaga de Campos a sustentar essa tese. Apenas devemos lembrar que de as causas naturais, os trabalhos que se tornavam, por isso, penosos e cheios de sacrifícios. Basta dizer que nessa época, para se alcançar a capital do Estado do Amazonas, gastava-se dezoito a vinte dias, assim mesmo quando havia coincidência da chegada em Belém com a saída do vapor para Manaus.

Hoje a aviação já está exercendo notável influência nas comunicações e dentro em breve será um auxiliar de valor inestimável nos estudos geológicos da região.

Além das pesquisas do carvão de pedra e petróleo foram iniciados os estudos da ocorrência de lítio no Amazonas, das possibilidades petrolíferas do Território do Acre, das aluvias auríferas do Amapá e da região do Gurupi.

As únicas campanhas geológicas realizadas no Vale do Amazonas nos últimos trinta anos foram levadas a efeito pelo antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil e depois Departamento Nacional da Produção Mineral.

Os livros do colégio de Pernambuco - Serafim Leite

Em Autores e Livros, este magnífico suplemento literário de A MANHA, publicou o sr. Gilberto Freyre, em 21 de novembro, um interessante artigo, Olinda, cidade intelectual. Há nele uma referência à livreria dos Jesuítas da antiga Companhia, cuja história andamos empenhados em fazer ou refazer, e sobre a qual vimos devedores ao sr. Gilberto Freyre de palavras que sumamente nos penhoram.

Não se tira bem a lição, nesse artigo, o destino dos primeiros livros trazidos da Europa pelos primeiros Jesuítas de Portugal, e era isso o que realmente nos interessava. Mas vemos que, depois, esses ou outros livros foram, por compra ao parecer favorecida, parar às mãos dos Jesuítas da Companhia restaurada, no novo Colégio de Pernambuco, e que estes, pelos distúrbios da Questão Dom Vital, deixando Pernambuco em 1874, os levaram para o outro lado do mar. Di-lo o sr. Gilberto Freyre, fundado no testemunho de Pereira da Costa, que, não achando esses livros em Pernambuco no ano de 1886, concluiu que os padres "levaram consigo para a Europa todo esse inestimável tesouro". Tal conclusão perfilha-se o sr. Gilberto Freyre: "É claro que no tocante a livros os Jesuítas levaram de Olinda mais do que lhe trouxeram da Europa".

Parece que não há margem a dúvidas. E no entanto o conhecimento completo do assunto mostra que não é assim tão claro...

Com a fundação do Colégio de Pernambuco, a que se referem Pereira da Costa e o sr. Gilberto Freyre, coincidiu quase a fundação do célebre Colégio de Ilú, onde os Jesuítas estão e vivem ininterruptamente desde 1867. Obrigados a deixar Pernambuco pela perseguição religiosa, os padres estrangeiros foram exilados para a Europa, não os seus haveres. Ficaram no Colégio quatro irmãos leigos com o seu diretor legal, o P. José Silvestre da Rocha Pinto, a quem, como brasileiro, não atingiu o decreto. Estes Jesuítas, com as coisas do Colégio, seguiram para Ilú, ao qual juridicamente pertenciam como parte integrante da mesma Missão (hoje Província). E assim — e é esta a verdade toda — os livros do Colégio de Pernambuco não tardaram a incorporar-se nas bibliotecas das atuais Colégios, em que se desdobrou o de Ilú, o Colégio Anchieta em Friburgo, o de S. Luiz, em S. Paulo, o de S. Inácio, no Rio, aqui na rua de S. Clemente, onde escrevemos estas linhas, com a vantagem única da evidência, que é termos sobre a nossa própria mesa de trabalho alguns desses livros, onde um ex-libris impresso, com os dizeres Coll. Pernambuc. Soc. Jesu, atesta perfeitamente a sua procedência...

Os Jesuítas, pois, não "levaram consigo para a Europa esse inestimável tesouro". Ficou no Brasil, E ainda bem.

Concluímos, sem fazer comentários, sem dizer que é mais uma lição que se desja, sem dizer nada. Agradecemos simplesmente ao sr. Gilberto Freyre a oportunidade, que o seu interessante artigo nos ofereceu, para esta singela nota de retificação e objetividade crítica.